

A Harpa do Crente

Alexandre Herculano



Biblioteca
Digital

Colecção
CLÁSSICOS
DA LITERATURA
PORTUGUESA



A SEMANA SANTA

Der Gedanke Gott weckt einen
fürchterlichen Nachhar auf. Sein Name
heisst Richter.

SCHILLER

I

Tíbio o sol entre as nuvens do ocidente,
Já lá se inclina ao mar. Grave e solene
Vai a hora da tarde! O oeste passa
Mudo nos troncos da alameda antiga,
Que à voz da Primavera os gomos brota:
O oeste passa mudo, e cruza o átrio
Pontiagudo do templo, edificado
Por mãos duras de avós, em monumento
De uma herança de fé que nos legaram,
A nós seus netos, homens de alto esforço,
Que nos rimos da herança, e que insultamos
A Cruz e o templo e a crença de outras eras;
Nós, homens fortes, servos de tiranos,
Que sabemos tão bem rojar seus ferros
Sem nos queixar, menosprezando a Pátria
E a liberdade, e o combater por ela.
Eu não! — eu rujo escravo; eu creio e espero
No Deus das almas generosas, puras,
E os déspotas maldigo. Entendimento
Bronco, lançado em século fundido
Na servidão de gozo ataviada,
Creio que Deus é Deus e os homens livres!

II

Oh, sim! — rude amator de antigos sonhos,
Irei pedir aos túmulos dos velhos
Religioso entusiasmo, e canto novo
Hei-de tecer, que os homens do futuro
Entenderão; um canto escarnecido
Pelos filhos dest' época mesquinha,
Em que vim peregrino a ver o mundo,
E chegar a meu termo, e reclinar-me
À branda sombra de cipreste amigo.

III

Passa o vento os do pórtico da igreja
Esculpidos umbrais: correndo as naves
Sussurrou, sussurrou entre as colunas
De gótico lavor: no órgão do coro
Veio, enfim, murmurar e esvaecer-se.

IV

Mas porque soa o vento? Está deserto,
Silencioso ainda o sacro templo:
Nenhuma voz humana ainda recorda
Os hinos do Senhor. A natureza
Foi a primeira em celebrar seu nome
Neste dia de luto e de saudade!
Trevas da quarta-feira, eu vos saúdo!
Negras paredes, mudos monumentos
De todas essas orações de mágoa,
De gratidão, de susto ou de esperança,
Depositadas ante vós nos dias
De fervorosa crença, a vós que enluta
A solidão e o dó, venho eu saudar-vos.
A loucura da Cruz não morreu toda
Após dezoito séculos! Quem chore
Do sofrimento o Herói existe ainda.
Eu chorarei — que as lágrimas são do homem —
Pelo Amigo do povo, assassinado

Por tiranos, e hipócritas, e turbas
Envilecidas, bárbaras, e servas.

V

Tu, Anjo do Senhor, que acendes o estro;
Que no espaço entre o abismo e os céus vagueias,
Donde mergulhas no oceano a vista;
Tu que do trovador à mente arrojás
Quanto há nos céus esperançoso e belo,
Quanto há no abismo tenebroso e triste,
Quanto há nos mares majestoso e vago,
Hoje te invoco! — oh, vem! —, lança em minha alma
A harmonia celeste e o fogo e o génio,
Que dêem vida e vigor a um carme pio.

VI

A noite escura desce: o Sol de todo
Nos mares se atufou. A luz dos mortos,
Dos brandões o clarão, fulgura ao longe
No cruzeiro somente e em volta da ara:
E pelas naves começou ruído
De compassado andar. Fiéis acodem
À morada de Deus, a ouvir queixumes
Do vate de Sião. Em breve os monges,
Suspirosas canções aos Céus erguendo,
Sua voz unirão à voz desse órgão,
E os sons e os ecos reboarão no templo.
Mudo o coro depois, neste recinto
Dentro em bem pouco reinará silêncio,
O silêncio dos túmulos, e as trevas
Cobrirão por esta área a luz escassa
Despedida das lâmpadas, que pendem
Ante os altares, bruxuleando frouxas.

Imagem da existência! Enquanto passam
Os dias infantis, as paixões tuas,
Homem, qual então és, são débeis todas.
Cresceste: ei-las torrente, em cujo dorso
Sobrenadam a dor e o pranto e o longo
Gemido do remorso, a qual lançar-se
Vai com rouco estridor no antro da morte,
Lá, onde é tudo horror, silêncio, noite.
Da vida tua instantes fluorescentes
Foram dois, e não mais: as cãs e rugas,
Logo, rebate de teu fim te deram.
Tu foste apenas som, que, o ar ferindo,
Murmurou, esqueceu, passou no espaço.

E a casa do Senhor ergueu-se. O ferro
Cortou a penedia; e o canto enorme
Polido alveja ali no espesso pano
Do muro colossal, que era após era,
Como onda e onda ao desdobrar na areia,
Viu vir chegando e adormecer-lhe ao lado.
O ulmo e o choupo no cair rangeram
Sob o machado: a trave afeiçoou-se;
Lá no cimo pousou: restruge ao longe
De martelos fragor, e eis ergue o templo,
Por entre as nuvens, bronzeadas grimpas.

Homem, do que és capaz! Tu, cujo alento
Se esvai, como da cerva a leve pista
No pó se apaga ao respirar da tarde,
Do seio dessa terra em que és estranho,
Sair fazes as moles seculares,
Que por ti, morto, falem; dás na ideia
Eterna duração às obras tuas.
Tua alma é imortal, e a prova a deste!

VII

Anoiteceu. Nos claustros ressoando
As pisadas dos monges ouço: eis entram;
Eis se curvaram para o chão, beijando
O pavimento, a pedra. Oh, sim, beijai-a!
Igual vos cobrirá a cinza um dia,
Talvez em breve — e a mim. Consolo ao morto
É a pedra do túmulo. Sê-lo-ia
Mais, se do justo só a herança fora;
Mas também ao malvado é dada a campa.

E o criminoso dormirá quieto
Entre os bons soterrado? Oh, não! Enquanto
No templo ondeiam silenciosas turbas,
Exultarão do abismo os moradores,
Vendo o hipócrita vil, mais ímpio que eles,
Que escarnece do Eterno, e a si se engana;
Vendo o que julga que orações apagam
Vícios e crimes, e o motejo e o riso
Dado em resposta às lágrimas do pobre;
Vendo os que nunca ao infeliz disseram
De consolo palavra ou de esperança.
Sim: malvados também hão-de pisar-lhes
Os frios restos que separa a terra,
Um punhado de terra, a qual os ossos
Destes há-de cobrir em tempo breve,
Como cobriu os seus; qual vai sumindo
No segredo da campa a humana raça.

VIII

Eis que a turba rareia. Ermam bem poucos
Do templo na amplidão: só lá no escuro
De afumada capela o justo as preces
Ergue pio ao Senhor, as preces puras
De um coração que espera, e não mentidas
De lábios de impostor, que engana os homens
Com seu meneio hipócrita, calando

Na alma lodosa da blasfémia o grito.
Então exultarão os bons, e o ímpio,
Que passou, tremerá. Enfim, de vivos,
Da voz, do respirar o som confuso
Vem confundir-se no ferver das praças,
E pela galilé só ruge o vento.
Em trevas não ficou silenciosas
O sagrado recinto: os candeeiros,
No gelado ambiente ardendo a custo,
Espalham débeis raios, que reflectem
Das pedras pela alvura; o negro mocho,
Companheiro do morto, hórrido pio
Solta lá da cornija: pelas fendas
Dos sepulcros desliza fumo espesso;
Ondeia pela nave, e esvai-se. Longo
Suspirar não se ouviu? Olhai!, lá se erguem,
Sacudindo o sudário, em peso os mortos!
Mortos, quem vos chamou? O som da tuba
Ainda do Josafat não fere os vales.
Dormi, dormi: deixai passar as eras...

IX

Mas foi uma visão: foi como cena
D'imaginar febril. Criou-se, acaso,
Do poeta na mente, ou desvendou-lhe
A mão de Deus o íntimo ver da alma,
Que devassa a existência misteriosa
Do mundo dos espíritos? Quem sabe?
Dos vivos já deserta, a igreja torva
Repovoou-se, para mim ao menos,
Dos extintos, que ao pé das santas aras
Leito comum na sonolência extrema
Buscaram. O terror, que arreda o homem
Do limiar do tempo às horas mortas,
Não vem de crença vã. Se fulgem astros,
Se a luz da Lua estira a sombra eterna
Da cruz gigante (que campeia erguida
No vértice do tímpano, ou no cimo
Do coruchéu do campanário) ao longo

Dos inclinados tectos, afastai-vos!
Afastai-vos daqui, onde se passam
À meia-noite insólitos mistérios;
Daqui, onde desperta a voz do arcanjo
Os dormentes da morte; onde reúne
O que foi forte e o que foi fraco, o pobre
E o opulento, o orgulhoso e o humilde,
O bom e o mau, o ignorante e o sábio,
Quantos, enfim, depositar vieram
Junto do altar o que era seu no mundo,
Um corpo nu, e corrompido e inerte.

X

E seguia a visão. Cria ainda achar-me,
Alta noite, na igreja solitária
Entre os mortos, que, erectos sobre as campas,
Eram há pouco um fumo que ondeava
Pelas fisgas do vasto pavimento.
Olhei. Do erguido tecto o pano espesso
Rareava; rareava-me ante os olhos,
Como ténue cendal; mais ténue ainda,
Como o vapor de Outono em quarto d'alva,
Que se libra no espaço antes que desça
A consolar as plantas conglobado
Em matutino orvalho. O firmamento
Era profundo e amplo. Envolto em glória,
Sobre vagas de nuvens, rodeado
Das legiões do Céu, o Ancião dos dias
O Santo, o Deus descia. Ao sumo aceno
Parava o tempo, a imensidade, a vida
Dos mundos a escutar. Era esta a hora
Do julgamento desses que se alçavam,
À voz de cima, sobre as sepulturas?

XI

Era ainda a visão. Do templo em meio
Do anjo da morte a espada flamejante
Crepitando bateu. Bem como insectos,
Que à flor de pego pantanoso e triste
Se balouçavam — quando a tempestade
Veio as asas molhar nas águas turvas,
Que marulhando sussurraram — surgem
Volteando, zumbindo em dança doida
E, lassos, vão pausar em longas filas
Nas margens do paul, de um lado e de outro;
Tal o murmúrio e a agitação incerta
Ciciava das sombras remoinhando
Ante o sopro de Deus. As melodias
Dos coros celestiais, longínquas, frouxas,
Com frémito infernal se misturavam
Em caos de dor e júbilo.

Dos mortos

Parava, enfim, o vórtice enredado;
E os grupos vagos em distintas turmas
Se enfileiravam de uma parte e de outra.
Depois, o gládio do anjo entre os dois bandos
Ficou, única luz, que se estirava
Desde o cruzeiro ao pórtico, e feria
De reflexo vermelho os largos panos
Das paredes de mármore, bem como
Mar de sangue, onde inertes flutuassem
De humanos vultos indecisas formas.

XII

E seguia a visão. Do templo à esquerda,
Mestas as faces, inclinada a fronte,
Da noite as larvas tinham sobre o solo
Fito o espantado olhar, e as dilatadas
Baças pupilas lhes tingia o susto.
Mas, como zona lúcida de estrelas,
Nessa atmosfera crassa e afogueada

Pela espada rubente, refulgiam
Da direita os espíritos, banhado
De inenarrável placidez seu gesto.
Era inteiro o silêncio, e no silêncio
Uma voz ressoou: «Eleitos, vinde!
Ide, precitos!» Vacilava a Terra,
E ajoelhando eu me curvei tremendo.

XIII

Quando me ergui e olhei, no céu profundo
Um rastilho de luz pura e serena
Se ia embebendo nesses mares de orbes
Infinitos, perdidos no infinito,
A que chamamos o universo. Um hino
De saudade e de amor, quase inaudível,
Parecia romper desde as alturas
De tempo a tempo. Vinha como envolto
Nas lufadas do vento, até perder-se
Em sossego mortal.

O curvo tecto

Do templo, então, se condensou de novo,
E para a Terra o meu olhar volveu-se.
Da direita os espíritos radiosos
Já não estavam lá. Chispando a espaços,
Qual o ferro na incude, a espada do anjo
O mortício rubor mandava, apenas,
D'aurora boreal quando se extingue.

XIV

Prosseguia a visão. Da esquerda às sombras
Ansiava o seio a dor: tinham no gesto
Impressa a maldição, que lhes secara
Eternamente a seiva da esperança.

Como se vê, em noite estiva e negra,
Cintilar sobre as águas a ardentia,
Dumas fronte às outras vagueavam

Cerúleos lumes no esquadão dos mortos,
E ao estalar das lousas, grito imenso
Subterrâneo, abafado e delirante,
Inefável compêndio de agonias,
Misturado se ouviu com rir do Inferno,
E a visão se defez. Era ermo o templo:
E despertei do pesadelo em trevas.

XV

Era loucura ou sonho? Entre as tristezas
E os terrores e angústias, que resume
Neste dia e lugar a avita crença,
Irresistível força arrebatou-me
Da sepultura a devassar segredos,
Para dizer: «Tremei! Do altar à sombra
Também há mau dormir de sono extremo!»

A justiça de Deus visita os mortos,
Embora a cruz da redenção proteja
A pedra tumular; embora a hóstia
Do sacrifício o sacerdote eleve
Sobre as vizinhas aras. Quando a igreja
Rodeiam trevas, solidão e medos,
Que a resguardam coas asas acurvadas
Da vista do que vive, a mão do Eterno
Separa o joio do bom grão e arroja
Para os abismos a ruim semente.

XVI

Não! — não foi sonho vão, vago delírio
De imaginar ardente. Eu fui levado,
Galgando além do tempo, às tardas horas,
Em que se passam cenas de mistério,
Para dizer: «Tremei! Do altar à sombra
Também há mau dormir de sono extremo!»

Vejo ainda o que vi: da sepultura
Ainda o hálito frio me enregela
O suor do pavor na fronte; o sangue
Hesita imoto nas inertes veias;
E embora os lábios murmurar não ousem,
Ainda, incessante, me repete na alma
Íntima voz: «Tremei! Do altar à sombra
Também há mau dormir de sono extremo!»

XVII

Mas troa a voz do monge, e, enfim, desperto
O coração bateu. Eia, retumbem
Pelos ecos do templo os sons dos salmos,
Que em dia de aflição ignoto vate
Teceu, banhado em dor. Talvez foi ele
O primeiro cantor que em várias cordas,
À sombra das palmeiras da Idumeia,
Soube entoar melodioso um hino.
Deus inspirava então os trovadores
Do seu povo querido, e a Palestina,
Rica dos meigos dons da natureza,
Tinha o ceptro, também, do entusiasmo.
Virgem o génio ainda, o estro puro
Louvava Deus somente, à luz da aurora,
E ao esconder-se o Sol entre as montanhas
De Bethoron. Agora o génio é morto
Para o Senhor, e os cantos dissolutos
De lodoso folgado os ares rompem,
Ou sussurram por paços de tiranos,
Asselados de pútrida lisonja,
Por preço vil, como o cantor que os tece.

XVIII

O SALMO

Quando é grande o meu Deus!... Té onde chega
O seu poder imenso!
Ele abaixou os céus, desceu, calcando
Um nevoeiro denso.

Dos querubins nas asas radiosas
 Librando-se, voou;
E sobre turbilhões de rijo vento
 O mundo rodeou.
Ante o olhar do Senhor vacila a Terra,
 E os mares assustados
Bramem ao longe, e os montes lançam fumo,
 Da sua mão tocados.
Se pensou no universo, ei-lo patente
 Ante a face do Eterno:
Se o quis, o firmamento os seios abre,
 Abre os seios o Inferno.
Dos olhos do Senhor, homem, se podes,
 Esconde-te um momento:
Vê onde encontrarás lugar que fique
 Da sua vista isento:
Sobe aos Céus, transpõe mares, busca o abismo,
 Lá teu Deus há-de achar;
Ele te guiará, e a dextra sua
 Lá te há-de sustentar:
Desce à sombra da noite, e no seu manto
 Envolver-te procura...
Mas as trevas para ele não são trevas,
 Nem é a noite escura.
No dia do furor, em vão buscaras
 Fugir ante o Deus forte,
Quando do arco tremendo, irado, impele
 Seta em que pousa a morte.
Mas o que o teme dormirá tranquilo
 No dia extremo seu,
Quando na campa se rasgar da vida
 Das ilusões o véu.

XIX

Calou-se o monge: sepulcral silêncio
À sua voz seguiu-se. Uma toada
De órgão rompeu do coro. Assemelhava
O suspiro saudoso, e os ais de filha,
Que chora solitária o pai, que dorme

Seu último, profundo e eterno sono.
Melodias depois soltou mais doces
O severo instrumento: e ergueu-se o canto,
O doloroso canto do profeta,
Da pátria sobre o fado. Ele, que o vira,
Sentado entre ruínas, contemplando
Seu avito esplendor, seu mal presente,
A queda lhe chorou. Lá na alta noite,
Modulando o Nébel, via-se o vate
Nos derribados pórticos, abrigo
Do imundo stélio e gemedora poupa.
Extasiado — e a lua cintilando
Na sua calva frente, onde pesavam
Anos e anos de dor. Ao venerando
Nas encovadas faces fundos regos
Tinham aberto as lágrimas. Ao longe,
Nas margens do Cédron, a rã grasnando
Quebrava a paz dos túmulos. Que túmulo
Era Sião! — o vasto cemitério
Dos fortes de Israel. Mais venturosos
Que seus irmãos, morreram pela pátria;
A pátria os sepultou dentro em seu seio.
Eles, em Babilónia, aos punhos ferros,
Passam de escravos miseranda vida,
Que Deus pesou seus crimes, e, ao pesá-los,
A dextra lhe vergou. Não mais no templo
A nuvem repousara, e os céus de bronze
Dos profetas aos rogos se amostravam.
O vate de Anatoth a voz soltara
Entre o povo infiel, de Eloha em nome:
Ameaças, promessas, tudo inútil;
De bronze os corações não se dobraram.
Vibrou-se a maldição. Bem como um sonho,
Jerusalém passou: sua grandeza
Somente existe em derrocadas pedras.
O vate de Anatoth, sobre seus restos,
Com triste canto deplorou a pátria.
Hino de morte alçou: da noite as larvas
O som lhe ouviram: 'squálido esqueleto,

Rangendo os ossos, dentre a hera e musgos
Do pórtico do templo erguia um pouco,
Alvejando, a caveira. Era-lhe alívio
Do sagrado cantor a voz suave
Desferida ao luar, triste, no meio
Da vasta solidão que o circundava.
O profeta gemeu: não era o estro,
Ou o vívido júbilo que outrora
Inspirara Moisés: o sentimento
Foi sim pungente de silêncio e morte,
Que da pátria lhe fez sobre o cadáver
A elegia da noite erguer e o pranto
Derramar da esperança e da saudade.

XX

A LAMENTAÇÃO

Como assim jaz e solitária e queda
Esta cidade outrora populosa!
Qual viúva ficou e tributária
A senhora das gentes.
Chorou durante a noite; em pranto as faces,
Sozinha, entregue à dor, nas penas suas
Ninguém a consolou: os mais queridos
Contrários se tornaram.
Ermas as praças de Sião e as ruas,
Cobre-as a verde relva: os sacerdotes
Gemem; as virgens pálidas suspiram
Envoltas na amargura.
Dos filhos de Israel nas cavas faces
Está pintada à macilenta fome;
Mendigos vão pedir, pedir a estranhos,
Um pão de infâmia eivado.
O trémulo ancião, de longe, os olhos
Volve a Jerusalém, dela fugindo:
Vê-a, suspira, cai, e em breve expira
Com seu nome nos lábios.
Que horror! — ímpias as mães os tenros filhos
Despedaçaram: bárbaras quais tigres,

Os sanguinosos membros palpitantes
No ventre sepultaram.
Deus, compassivo olhar volve a nós tristes:
Cessa de Te vingar! Vê-nos escravos,
Servos de servos em país estranho.
Tem dó de nossos males!
Acaso serás Tu sempre inflexível?
Esqueceste de todo a nação tua?
O pranto dos Hebreus não Te comove?
És surdo a seus lamentos?

XXI

Doce era a voz do velho: o som do Nablo
Sonoro: o céu sereno: clara a Terra
Pelo brando fulgor do astro da noite:
E o profeta parou. Erguidos tinha
Os olhos para o céu, onde buscava
Um raio de esperança e de conforto:
E ele calara já, e ainda os ecos,
Entre as ruínas sussurrando, ao longe
Iam os sons levar de seus queixumes.

XXII

Choro piedoso, o choro consagrado
Às desditas dos seus. Honra ao profeta!
Oh, margens do Jordão, país formoso
Que fostes e não sois, também suspiro
Condoído vos dou. Assim fenecem
Impérios, reinos, solidões tornados!...
Não: Nenhum deste modo: o peregrino
Pára em Palmira e pensa. O braço do homem
A sacudiu à Terra, e fez dormissem
O seu último sono os filhos dela —
E ele o veio dormir pouco mais longe...
Mas se chega a Sião treme, enxergando
Seus lacerados restos. Pelas pedras,
Aqui e ali dispersas, ainda escrita

Parece ver-se uma inscrição de agouros,
Bem como aquela que aterrou um ímpio,
Quando, no meio de ruidosa festa,
Blasfemava dos Céus, e mão ignota
O dia extremo lhe apontou dos crimes.
A maldição do Eterno está vibrada
Sobre Jerusalém! Quanto é terrível
A vingança de Deus! O Israelita,
Sem pátria e sem abrigo, vagabundo,
Ódio dos homens, neste mundo arrasta
Uma existência mais cruel que a morte,
E que vem terminar a morte e inferno.
Desgraçada nação! Aquele solo
Onde manava o mel, onde o carvalho,
O cedro e a palma o verde ou claro ou torvo,
Tão grato à vista, em bosques misturavam;
Onde o lírio e a cecém nos prados tinham
Crescimento espontâneo entre as roseiras,
Hoje, campo de lágrimas, só cria
Humilde musgo de escavados cerros

XXIII

Ide vós a Mambré. Lá, bem no meio
De um vale, outrora de verdura ameno,
Erguia-se um carvalho majestoso.
Debaixo de seus ramos largos dias
Abraão repousou. Na Primavera
Vinham os moços adornar-lhe o tronco
De capelas cheirosas de boninas,
E coreias gentis traçar-lhe em roda.
Nasceu com o orbe a planta venerável,
Viu passar gerações, julgou seu dia
Final fosse o do mundo, e quando airosa
Por entre as densas nuvens se elevava,
Mandou o Nume aos aquilões rugissem.
Ei-la por terra! As folhas, pouco a pouco,
Murcharam-se caindo, e o rei dos bosques
Serviu de pasto aos tragadores vermes.

Deus estendeu a mão: no mesmo instante
A vinha se mirrou: junto aos ribeiros
Da Palestina os plátanos frondosos
Não mais cresceram, como dantes, belos:
O armento, em vez de relva, achou nos prados
Somente ingratas, espinhosas urzes.
No Gólgota plantada, a Cruz clamara
«Justiça!» A tal clamor hórrido espectro
No Moriá surgiu. Era seu nome
Assolação. E, despregando um grito,
Caiu com longo som de um povo a campa.
Assim a herança de Judá, outrora
Grata ao Senhor, existe só nos ecos
Do tempo que já foi, e que há passado
Como hora de prazer entre desditas.

.....

XXIV

Minha pátria onde existe?
É lá somente!

Oh, lembrança da Pátria acabrunhada
Um suspiro também tu me hás pedido;
Um suspiro arrancado aos seios d'alma
Pela ofuscada glória, e pelos crimes
Dos homens que ora são, e pelo opróbrio
Da mais ilustre das nações da Terra!

A minha triste pátria era tão bela,
E forte, e virtuosa!, e ora o guerreiro
E o sábio e o homem bom acolá dormem,
Acolá, nos sepulcros esquecidos,
Que a seus netos infames nada contam
Da antiga honra e pudor e eternos feitos.
O escravo português agrilhado
Carcomir-se lhes deixa junto às lousas
Os decepados troncos desse arbusto,
Por mãos deles plantado à liberdade,

E por tiranos derribado em breve,
Quando pátrias virtudes se acabaram,
Como um sonho da infância!...

O vil escravo,
Imerso em vícios, em bruteza e infâmia,
Não erguerá os macerados olhos
Para esses troncos, que destroem vermes
Sobre as cinzas de heróis, e, aceso em pejo,
Não surgirá jamais? Não há na Terra
Coração português que mande um brado
De maldição atroz, que vá cravar-se
Na vigília e no sono dos tiranos,
E envenenar-lhes o prazer por noites
De vil prostituição, e em seus banquetes
De embriaguez lançar fel e amarguras?

Não! Bem como um cadáver já corrupto,
A Nação se dissolve: e em seu letargo
O povo, envolto na miséria, dorme.

XXV

Oh, talvez, como o vate, ainda algum dia
Terei de erguer à Pátria hino de morte,
Sobre seus mudos restos vagueando!
Sobre seus restos? Nunca! Eterno, escuta
Minhas preces e lágrimas: se em breve,
Qual jaz Sião, jazer deve Ulisseia;
Se o anjo do extermínio há-de riscá-la
Do meio das nações, que dentre os vivos
Risque também meu nome, e não me deixe
Na Terra vaguear, órfão de pátria.

XXVI

Cessou da noite a grão solenidade
Consagrada à tristeza e a memorandas
Recordações: os monges se prostraram,
A face unida à pedra. A mim, a todos,

Correm dos olhos lágrimas suaves
De compunção. Ateu, entra no templo;
Não temas esse Deus, que os lábios negam
E o coração confessa. A corda do arco
Da vingança, em que a morte se debruça,
Frouxa está; Deus é bom: entra no templo.
Tu, para quem a morte ou vida é forma,
Forma somente de mais puro barro,
Que nada crês, e em nada esperas, olha,
Olha o conforto do cristão. Se o cálix
Da amargura a provar os Céus lhe deram,
Ele se consolou: bálsamo santo
Piedosa fé no coração lhe verte.
«Deus compaixão terá!» Eis seu gemido:
Porque a esperança lhe sussurra em torno:
«Aqui, ou lá... a Providência é justa.»
Ateu, a quem o mal fizera escravo,
Teu futuro qual é? Quais são teus sonhos?
No dia da aflicção emudeceste
Ante o espectro do mal. E a quem alçaras
O gemente clamor? Ao mar, que as ondas
Não altera por ti? Ao ar, que some
Pela sua amplidão as queixas tuas?
Aos rochedos alpestres, que não sentem,
Nem sentir podem teu gemido inútil?
Tua dor, teu prazer, existem, passam,
Sem porvir, sem passado e sem sentido.
Nas angústias da vida, o teu consolo
O suicídio é só, que te promete
Rica messe de gozo, a paz do nada!
E ai de ti, se buscaste, enfim, repouso,
No limiar da morte indo assentar-te!
Ali grita uma voz no último instante
Do passamento: a voz aterradora
Da consciência é ela. E hás-de escutá-la
Mau grado teu: e tremerás em sustos,
Desesperado aos Céus erguendo os olhos
Irados, de través, amortecidos;
Aos Céus, cujo caminho a Eternidade

Coa vagarosa mão te vai cerrando,
Para guiar-te à solidão das dores,
Onde maldigas teu primeiro alento,
Onde maldigas teu extremo arranco,
Onde maldigas a existência e a morte.

XXVII

Calou tudo no templo: o céu é puro,
A tempestade ameaçadora dorme.
No espaço imenso os astros cintilantes
O rei da criação louvam com hinos,
Não ouvidos por nós nas profundezas
Do nosso abismo. E aos cantos do universo,
Ante milhões de estrelas, que recamam
O firmamento, ajuntará seu canto
Mesquinho trovador? Que vale uma haspa
Mortal no meio da harmonia etérea,
No concerto da noite? Oh, no silêncio,
Eu pequenino verme irei sentar-me
Aos pés da Cruz nas trevas do meu nada.
Assim se apaga a lâmpada nocturna
Ao despontar do Sol o alvor primeiro:
Por entre a escuridão deu claridade;
Mas do dia ao nascer, que já rutila,
As torrentes de luz vertendo ao longe,
Da lâmpada o clarão sumiu-se, inútil,
Nesse fúlgido mar, que inunda a Terra.

A VOZ

É tão suave ess' hora,
Em que nos foge o dia,
E em que suscita a Lua
Das ondas a ardentia,

Se em alcantis marinhos,
Nas rochas assentado,
O trovador medita
Em sonhos enleado!

O mar azul se encrespa
Coa vespertina brisa,
E no casal da serra
A luz já se divisa.

E tudo em roda cala
Na praia sinuosa,
Salvo o som do remanso
Quebrando em furna algosa.

Ali folga a poeta
Nos desvarios seus,
E nessa paz que o cerca
Bendiz a mão de Deus.

Mas despregou seu grito
A alcione gemente,
E nuvem pequenina
Ergueu-se no ocidente:

E sobe, e cresce, e imensa
Nos céus negra flutua,
E o vento das procelas
Já varre a fraga nua.

Turba-se o vasto oceano,
Com hórrido clamor;
Dos vagalhões nas ribas
Expira o vão furor

E do poeta a fronte
Cobriu véu de tristeza;
Calou, à luz do raio,
Seu hino à natureza.

Pela alma lhe vagava
Um negro pensamento,
Da alcione ao gemido,
Ao sibilar do vento.

Era blasfema ideia,
Que triunfava enfim;
Mas voz soou ignota,
Que lhe dizia assim:

«Cantor, esse queixume
Da nuncia das procelas,
E as nuvens, que te roubam
Miríades de estrelas,

E o frémito dos euros,
E o estourar da vaga,
Na praia, que revolve,
Na rocha, onde se esmaga,

Onde espalhava a brisa
Sussurro harmonioso,
Enquanto do éter puro
Descia o Sol radioso,

Tipo da vida do homem,
É do universo a vida:
Depois do afã repouso,
Depois da paz a lida.

Se ergueste a Deus um hino
Em dias de amargura;
Se te amostraste grato
Nos dias de ventura,

Seu nome não maldigas
Quando se turba o mar:
No Deus, que é pai, confia,
Do raio ao cintilar.

Ele o mandou: a causa
Disso o universo ignora,
E mudo está. O nume,
Como o universo, adora!»

Oh, sim, torva blasfémia
Não manchará seu canto!
Brama a procela embora;
Pese sobre ele o espanto;

Que de sua harpa os hinos
Derramará contente
Aos pés de Deus, qual óleo
Do nardo recendente.

A ARRÁBIDA

I

Salve, ó vale do sul, saudoso e belo!
Salve, ó pátria da paz, deserto santo,
Onde não ruge a grande voz das turbas!
Solo sagrado a Deus, pudesse ao mundo
O poeta fugir, cingir-se ao ermo,
Qual ao freixo robusto a frágil hera,
E a romagem do túmulo cumprindo,
Só conhecer, ao despertar na morte,
Essa vida sem mal, sem dor, sem termo,
Que íntima voz contínuo nos promete
No trânsito chamado o viver do homem.

II

Suspira o vento no álamo frondoso;
As aves soltam matutino canto;
Late o lebréu na encosta, e o mar sussurra
Dos alcantis na base carcomida:
Eis o ruído de ermo! Ao longe o negro
Insondado oceano, e o céu cerúleo
Se abraçam no horizonte. Imensa imagem
Da eternidade e do infinito, salve!

III

Oh, como surge majestosa e bela,
Com viço da criação, a natureza
No solitário vale! E o leve insecto
E a relva e os matos e a fragrância pura
Das boninas da encosta estão contando
Mil saudades de Deus, que os há lançado,
Com mão profusa, no regaço ameno
Da solidão, onde se esconde o justo.
E lá campeiam no alto das montanhas
Os escalvados píncaros, severos,
Quais guardadores de um lugar que é santo;
Atalaias que ao longe o mundo observam,
Cerrando até o mar o último abrigo
Da crença viva, da oração piedosa,
Que se ergue a Deus de lábios inocentes.

Sobre esta cena o Sol verte em torrentes
Da manhã o fulgor; a brisa esvai-se
Pelos rosmaninhais, e inclina os topos
Do zimbro e alecrineiro, ao rés sentados
Desses troncos de fragas sobrepostas,
Que alpestres matas de medronhos vestem;
O rocío da noite à branca rosa
No seio derramou frescor suave,
E inda existência lhe dará um dia.

Formoso ermo do Sul, outra vez, salve!

IV

Negro, estéril rochedo, que contrastas,
Na mudez tua, o plácido sussurro
Das árvores do vale, que vicejam
Ricas d'encantos, coa estação propícia;
Suavíssimo aroma, que, manando
Das variegadas flores, derramadas
Na sinuosa encosta da montanha,

Do altar da solidão subindo aos ares,
És digno incenso ao Criador erguido;
Livres aves, vós filhas da espessura,
Que só teceis da natureza os hinos,
O que crê, o cantor, que foi lançado,
Estranho ao mundo, no bulício dele,
Vem saudar-vos, sentir um gozo puro,
Dos homens esquecer paixões e opróbrio,
E ver, sem ver-lhe a luz prestar a crimes,
O Sol, e uma só vez pura saudar-lha.

Convosco eu sou maior; mais longe a mente
Pelos seios dos Céus se imerge livre,
E se desprende de mortais memórias
Na solidão solene, onde, incessante,
Em cada pedra, em cada flor, se escuta
Do Sempiterno a voz, e vê-se impressa
A dextra sua em multiforme quadro.

V

Escalvado penedo, que repousas
Lá no cimo do monte, ameaçando
Ruína ao roble secular da encosta,
Que sonolento move a coma estiva
Ante a aragem do mar, foste formoso;
Já te cobriram cespedes virentes;
Mas o tempo voou, e nele envolta
A formosura tua. Despedidos
Das negras nuvens o chuveiro espesso
E o granizo, que o solo fustigando
Tritura a tenra lanceolada relva,
Durante largos séculos, no Inverno,
Dos vendavais no dorso a ti desceram,
Qual amplexo brutal de ardos grosseiro,
Que, maculando virginal pureza,
Do pudor varre a auréola celeste,
E deixa, em vez de um serafim na Terra,
Queimada flor que devorou o raio.

VI

Caveira da montanha, ossada imensa,
É tua campa o Céu: sepulcro o vale
Um dia te será. Quando sentires
Rugir com som medonho a Terra ao longe,
Na expansão dos volcões, e o mar, bramindo,
Lançar à praia vagalhões cruzados;
Tremor-te a larga base, e sacudir-te
De sobre si, o fundo deste vale
Te vai servir de túmulo; e os carvalhos
Do mundo primogénitos, e os sobros,
Arrastados por ti lá da colina,
Contigo hão-de jazer. De novo a terra
Te cobrirá o dorso sinuoso:
Outra vez sobre ti nascendo os lírios,
Do seu puro candor hão-de adornar-te;
E tu, ora medonho e nu e triste,
Ainda belo serás, vestido e alegre.

VII

Mais que o homem feliz! Quando eu no vale
Dos túmulos cair; quando uma pedra
Os ossos me esconder, se me for dada,
Não mais reviverei; não mais meus olhos
Verão, ao pôr-se, o Sol em dia estivo,
Se em turbilhões de púrpura, que ondeiam
Pelo extremo dos céus sobre o ocidente,
Vai provar que um Deus há a estranhos povos
E além das ondas trémulo sumir-se;
Nem, quando, lá do cimo das montanhas,
Com torrentes de luz inunda as veigas:
Não mais verei o refulgir da Lua
No irrequieto mar, na paz da noite,
Por horas em que vela o criminoso,
A quem íntima voz rouba o sossego,
E em que o justo descansa, ou, solitário,
Ergue ao Senhor um hino harmonioso.

VIII

Ontem, sentado num penhasco, e perto
Das águas, então quedas, do oceano,
Eu também o louvei sem ser um justo:
E meditei, e a mente extasiada
Deixei correr pela amplidão das ondas.

Como abraço materno era suave
A aragem fresca do cair das trevas,
Enquanto, envolta em glória, a clara Lua
Sumia em seu fulgor milhões d'estrelas.

Tudo calado estava: o mar somente
As harmonias da criação soltava
Em seu rugido; e o ulmeiro do deserto
Se agitava, gemendo e murmurando,
Ante o sopro de oeste: ali dos olhos
O pranto me correu, sem que o sentisse,
E aos pés de Deus se derramou minha alma.

IX

Oh, que viesse o que não crê, comigo
À vicejante Arrábida de noite,
E se assentasse aqui sobre estas fragas,
Escutando o sussurro incerto e triste
Das movediças ramas, que povoa
De saudade e de amor nocturna brisa;
Que visse a Lua, o espaço opresso de astros,
E ouvisse o mar soando: ele chorara,
Qual eu chorei, as lágrimas do gozo,
E, adorando o Senhor, detestaria
De uma ciência vã seu vão orgulho.

X

É aqui neste vale, ao qual não chega
Humana voz e o tumultuar das turbas,
Onde o nada da vida sonda livre
O coração, que busca ir abrigar-se
No futuro, e debaixo do amplo manto
Da piedade de Deus: aqui serena
Vem a imagem da campa, como a imagem
Da pátria ao desterrado; aqui, solene,
Brada a montanha, memorando a morte.

Essas penhas, que, lá no alto das serras
Nuas, crestadas, solitárias dormem,
Parecem imitar da sepultura
O aspecto melancólico e o repouso
Tão desejado do que em Deus confia.
Bem semelhante à paz, que se há sentado
Por séculos, ali, nas cordilheiras
É o silêncio do adro, onde reúnem
Os ciprestes e a Cruz, o Céu e a Terra.

Como tu vens cercado de esperança,
Para o inocente, ó plácido sepulcro!
Junto das tuas bordas pavorosas
O perverso recua horrorizado:
Após si volve os olhos; na existência
Deserto árido só descobre ao longe,
Onde a virtude não deixou um trilho.
Mas o justo, chegando à meta extrema,
Que separa de nós a eternidade,
Transpõe-na sem temor, e em Deus exulta.
O infeliz e o feliz lá dormem ambos,
Tranquilamente: e o trovador mesquinho,
Que peregrino vagueou na Terra,
Sem encontrar um coração ardente
Que o entendesse, a pátria de seus sonhos,
Ignota, por lá busca; e quando as eras
Vierem junto às cinzas colocar-lhe

Tardios louros, que escondera a inveja,
Ele não erguerá a mão mirrada,
Para os cingir na regelada fronte.
Justiça, glória, amor, saudade, tudo,
Ao pé da sepultura, é som perdido
De harpa eólia esquecida em brenha ou selva:
O despertar um pai, que saboreia
Entre os braços da morte o extremo sono,
Já não é dado ao filial suspiro;
Em vão o amante, ali, da amada sua
De rosas sobre a c'roa debruçado,
Rega de amargo pranto as murchas flores
E a fria pedra: a pedra é sempre fria,
E para sempre as flores se murcharam.

XI

Belo ermo!, eu hei-de amar-te enquanto esta alma,
Aspirando o futuro além da vida
E um hálito dos Céus, gemer atada
À coluna do exílio, a que se chama
Em língua vil e mentirosa o mundo.
Eu hei-de amar-te, ó vale, como um filho
Dos sonhos meus. A imagem do deserto
Guardá-la-ei no coração, bem junto
Com minha fé, meu único tesouro.

Qual pomposo jardim de verme ilustre,
Chamado rei ou nobre, há-de contigo
Comparar-se, ó deserto? Aqui não cresce
Em vaso de alabastro a flor cativa,
Ou árvore educada por mão de homem,
Que lhe diga: «És escrava», e erga um ferro
E lhe decepe os troncos. Como é livre
A vaga do oceano, é livre no ermo
A bonina rasteira ou freixo altivo!
Não lhes diz: «Nasce aqui, ou lá não cresças»
Humana voz. Se baqueou o freixo,

Deus o mandou: se a flor pendida murcha,
É que o rocio não desceu de noite,
E da vida o Senhor lhe nega a vida.

Céu livre, Terra livre, e livre a mente,
Paz íntima, e saudade, mas saudade
Que não dói, que não mirra, e que consola,
São as riquezas do ermo, onde sorriem
Das procelas do mundo os que o deixaram.

XII

Ali naquela encosta, ontem de noite,
Alvejava por entre os medronheiros
Do solitário a habitação tranquila:
E eu vagueei por lá. Patente estava
O pobre alvergue do eremita humilde,
Onde jazia o filho da esperança
Sob as asas de Deus, à luz dos astros,
Em leito, duro sim, não de remorsos.
Oh, com quanto sossego o bom do velho
Dormia! A leve aragem lhe ondeava
As raras cãs na fronte, onde se lia
A bela história de passados anos.
De alto choupo através passava um raio
Da Lua — astro de paz, astro que chama
Os olhos para o céu, e a Deus a mente —
E em luz pálida as faces lhe banhava:
E talvez neste raio o Pai celeste
Da pátria eterna lhe enviava a imagem,
Que o sorriso dos lábios lhe fugia,
Como se um sonho de ventura e glória
Na Terra de antemão o consolasse.
E eu comparei o solitário obscuro
Ao inquieto filho das cidades:
Comparei o deserto silencioso
Ao perpétuo ruído que sussurra
Pelos palácios do abastado e nobre,
Pelos paços dos reis; e condoí-me

Do cortesão soberbo, que só cura
De honras, haveres, glória, que se compram
Com maldições e perenal remorso.
Glória! A sua qual é? Pelas campinas,
Cobertas de cadáveres, regadas
De negro sangue, ele segou seus louros;
Louros que vão cingir-lhe a fronte altiva
Ao som do choro da viúva e do órfão;
Ou, dos sustos senhor, em seu delírio
Os homens, seu irmãos, flagela e oprime.
Lá o filho do pó se julga um nume,
Porque a Terra o adorou; o desgraçado
Pensa, talvez, que o verme dos sepulcros
Nunca se há-de chegar para tragá-lo
Ao banquete da morte, imaginando
Que uma lápida de mármore, que esconde
O cadáver do grande, é mais durável
Do que esse chão sem inscrição, sem nome,
Por onde o oprimido, o mísero, procura
O repouso, e se atira aos pés do trono
Do Omnipotente, a demandar justiça
Contra os fortes do mundo, os seus tiranos.

XIII

Ó cidade, cidade, que trasbordas
De vícios, de paixões e de amarguras!
Tu lá estás, na tua pompa envolta,
Soberba prostituta, alardeando
Os teatros, e os paços, e o ruído
Das carroças dos nobres recamadas
De ouro e prata, e os prazeres de uma vida
Tempestuosa, e o tropear contínuo
Dos fêrvidos ginetes, que alevantam
O pó e o lodo cortesão das praças;
E as gerações corruptas de teus filhos
Lá se revolvem, qual montão de vermes
Sobre um cadáver pútrido! Cidade,
Branqueado sepulcro, que misturas

A opulência, a miséria, a dor e o gozo,
Honra e infâmia, pudor e impudicícia,
Céu e Inferno, que és tu? Escárnio ou glória
Da humanidade? O que o souber que o diga!

Bem negra avulta aqui, na paz do vale,
A imagem desse povo, que reflui
Das moradas à rua, à praça, ao templo;
Que ri e chora, e, folga, e geme, e morre,
Que adora Deus, e que o pragueja, e o teme;
Absurdo misto de baixeza extrema
E de extrema ousadia; vulto enorme,
Ora aos pés de um vil déspota estendido,
Ora surgindo, e arremessando ao nada
As memórias dos séculos que foram,
E depois sobre o nada adormecendo.

Vê-lo, rico de opróbrio, ir assentar-se
Em joelhos nos átrios dos tiranos,
Onde, entre o lampejar de armas de servos,
O servo popular adora um tigre?
Esse tigre é o ídolo do povo!
Saudai-o; que ele o manda: abençoai-lhe
Ó férreo ceptro: ide folgar em roda
De cadafalsos, povoados sempre
De vítimas ilustres, cujo arranco
Seja como harmonia, que adormente
Em seus terrores o senhor das turbas.
Passai depois. Se a mão da Providência
Esmigalhou a frente à tirania;
Se o déspota caiu, e está deitado
No lodaçal da sua infâmia, a turba
Lá vai buscar o ceptro dos terrores,
E diz: «É meu»; e assenta-se na praça,
E envolta em roto manto, e julga, e reina.
Se um ímpio, então, na afogueada boca
De vulcão popular sacode um facho,
Eis o incêndio que muge, e a lava sobe,
E referve, e trasborda, e se derrama

Pelas ruas além: clamor retumba
De anarquia impudente, e o brilho de armas
Pelo escuro transluz, como um presságio
De assolação, e se amontoam vagas
Desse mar d'abjecção, chamado o vulgo;
Desse vulgo, que ao som de infernais hinos
Cava fundo da Pátria a sepultura,
Onde, abraçando a glória do passado
E do futuro a última esperança,
As esmaga consigo, e ri morrendo.

Tal és, cidade, licenciosa ou serva!
Outros louvem teus paços sumptuosos,
Teu ouro, teu poder: sentina impura
De corrupções, teus não serão meus hinos!

XIV

Cantor da solidão, vim assentar-me
Junto do verde céspede do vale,
E a paz de Deus do mundo me consola.

Avulta aqui, e alveja entre o arvoredos,
Um pobre conventinho. Homem piedoso
O alevantou há séculos, passando,
Como orvalho do céu, por este sítio,
De virtudes depois tão rico e fértil.
Como um pai de seus filhos rodeado,
Pelos matos do outeiro o vão cercando
Os tugúrios de humildes eremitas,
Onde o cilício e a compunção apagam
Da lembrança de Deus passados erros
Do pecador, que reclinou a fronte
Penitente no pó. O sacerdote
Dos remorsos lhe ouviu as amarguras;
E perdoou-lhe, e consolou-o em nome
Do que expirando perdoava, o Justo,
Que entre os humanos não achou piedade.

XV

Religião! do mísero conforto,
Abrigo extremo de alma, que há mirrado
O longo agonizar de uma saudade,
Da desonra, do exílio, ou da injustiça,
Tu consolas aquele, que ouve o Verbo,
Que renovou o corrompido mundo,
E que mil povos pouco a pouco ouviram.
Nobre, plebeu, dominador, ou servo,
O rico, o pobre, o valoroso, o fraco,
Da desgraça no dia ajoelharam
No limiar do solitário templo.
Ao pé desse portal, que veste o musgo,
Encontrou-os chorando o sacerdote,
Que da serra descia à meia-noite,
Pelo sino das preces convocado:
Aí os viu ao despontar do dia,
Sob os raios do Sol, ainda chorando,
Passados meses, o burel grosseiro,
O leito de cortiça, e a fervorosa
E contínua oração foram cerrando
Nos corações dos míseros as chagas,
Que o mundo sabe abrir, mas que não cura.
Aqui, depois, qual hálito suave.
Da Primavera, lhes correu a vida,
Até sumir-se no adro do convento,
Debaixo de uma lájea tosca e humilde,
Sem nome, nem palavra, que recorde
O que a terra abrigou no sono extremo.

Eremitério antigo, oh, se pudesses
Dos anos que lá vão contar a história;
Se ora, à voz do cantor, possível fosse
Transudar desse chão, gelado e mudo,
O mudo pranto, em noites dolorosas,
Por naufragos do mundo derramado
Sobre ele, e aos pés da Cruz!... Se vós pudésseis,
Broncas pedras, falar, o que diríeis!

Quantos nomes mimosos da ventura
Convertidos em fábula das gentes,
Despertariam o eco das montanhas,
Se aos negros troncos do sobreiro antigo
Mandasse o Eterno sussurrar a história
Dos que vieram desnudar-lhe o cepo,
Para um leito formar, onde velassem
Da mágoa, ou do remorso, as longas noites!
Aqui veio, talvez, buscar asilo
Um poderoso, outrora anjo da Terra
Despenhado nas trevas do infortúnio;
Aqui gemeu, talvez, o amor traído,
Ou pela morte convertido em cancro
De infernal desespero; aqui soaram
Do arrependido os últimos gemidos,
Depois da vida derramada em gozos,
Depois do gozo convertido em tédio.
Mas quem foram? Nenhum, depondo em terra
Vestidura mortal, deixou vestígios
De seu breve passar. E isso que importa,
Se Deus o viu; se as lágrimas do triste
Ele contou, para as pagar com glória?

XVI

Ainda em curvo outeiro, ao fim da senda
Que serpeia do monte ao fundo vale,
Sobre o marco de pedra a cruz se eleva,
Como um farol de vida em mar de escolhos:
Ao cristão infeliz acolhe no ermo,
E consolando-o, diz-lhe: «A pátria tua
É lá no Céu: abraça-te comigo.»
Junto dela esses homens, que passaram
Acurvados na dor, as mãos ergueram
Para o Deus, que perdoa, e que é conforto
Dos que aos pés deste símbolo da esp'rança
Vêm derramar seu coração aflito:
É do deserto a história, a cruz e a campa;
E sobre tudo o mais pousa o silêncio.

XVII

Feliz da Terra, os monges não maldigas;
Do que em Deus confiou não escarneças!
Folgando segue a trilha, que há juncado,
Para teus pés, de flores a fortuna,
E sobre a morta crença em paz descansa.
Que mal te faz, que gozo vai roubar-te
O que ensanguenta os pés no tojo agreste,
E sobre a fria pedra encosta a fronte?
Que mal te faz uma oração erguida,
Nas solidões, por voz sumida e frouxa,
E que, subindo aos Céus, só Deus escuta?
Oh, não insultes lágrimas alheias,
E deixa a fé ao que não tem mais nada!...

E se estes versos te contristam, rasga-os.
Teus menestréis te venderão seus hinos,
Nos banquetes opíparos, enquanto
O negro pão repartirá comigo,
Seu trovador, o pobre anacoreta,
Que não te inveja as ditas, como as c'roas
Do prazer ao cantor eu não invejo;
Tristes coroas, sob as quais às vezes
Está gravada uma inscrição d'infâmia.

MOCIDADE E MORTE

Solevantado o corpo, os olhos fitos,
As magras mãos cruzadas sobre o peito,
Vede-o, tão moço, velador de angústias,
Pela alta noite em solitário leito.

Por essas faces pálidas, cavadas,
Olhai, em fio as lágrimas deslizam;
E com o pulso, que apressado bate,
Do coração os estos harmonizam.

É que nas veias lhe circula a febre;
É que a fronte lhe alaga o suor frio;
É que lá dentro à dor, que o vai roendo,
Responde horrível íntimo cicio.

Encostando na mão o rosto aceso,
Fitou os olhos húmidos de pranto
Na lâmpada mortal ali pendente,
E lá consigo modulou um canto.

É um hino de amor e de esperança?
É oração de angústia e de saudade?
Resignado na dor, saúda a morte,
Ou vibra aos céus blasfémia d'impiedade?

É isso tudo, tumultuando incerto
No delírio febril daquela mente,
Que, balouçada à borda do sepulcro,
Volve após si a vista longamente.

É a poesia a murmurar-lhe na alma
Última nota de quebrada lira;
É o gemido do tombar do cedro;
É triste adeus do trovador que expira.

DESESPERANÇA

Meia-noite bateu, volvendo ao nada
Um dia mais, e caminhando eu sigo!
Vejo-te bem, ó campa misteriosa...
Eu vou, eu vou! Breve serei contigo!

Qual tufão, que ao passar agita o pego,
Meu plácido existir turvou a sorte:
Hálito impuro de pulmões ralados
Me diz que neles se assentou a morte:

Enquanto mil e mil no largo mundo
Dormem em paz sorrindo, eu velo e penso,
E julgo ouvir as preces por finados,
E ver a tumba e o fumegar do incenso.

Se dormito um momento, acordo em sustos;
Pulos me dá o coração no peito,
E abraço e beijo de uma vida extinta
O último sócio, o doloroso leito.

De um abismo insondado às agras bordas
Insanável doença me há guiado,
E disse-me: «No fundo o esquecimento:
Desce; mas desce com andar pausado.»

E eu lento vou descendo, e sondo as trevas:
Busco parar; parar um só instante!
Mas a cruel, travando-me da dextra,
Me faz cair mais fundo, e grita: «Avante!»

Porque escutar o trânsito das horas?
Alguma delas trar-me-á conforto?
Não! Esses golpes, que no bronze ferem,
São para mim como dobrar por morto.

«Morto!, morto!» me clama a consciência:
Diz-mo este respirar rouco e profundo.
Ai!, porque fremes, coração de fogo,
Dentro de um seio corrompido e imundo?

Beber um ar diáfano e suave,
Que renovou da tarde o brando vento,
E convertê-lo, no aspirar contínuo,
Em bafo apodrecido e peçonhento!

Estender para o amigo a mão mirrada,
E ele negar a mão ao pobre amigo;
Querer uni-lo ao seio descarnado,
E ele fugir, temendo o seu perigo!

E ver após um dia ainda cem dias,
Nus d'esperança, férteis de amargura;
Socorrer-me ao porvir, e achá-lo um ermo,
E só, bem lá no extremo, a sepultura!

Agora!... quando a vida me sorria:
Agora!... que meu estro se acendera;
Que eu me enlaçava a um mundo d'esperanças,
Como se enlaça pelo choupo a hera,

Deixar tudo, e partir, sozinho e mudo;
Varrer-me o nome escuro esquecimento:
Não ter um eco de louvor, que afague
Do desgraçado o humilde monumento!

Ó tu, sede de um nome glorioso,
Que tão fagueiros sonhos me tecias,
Fugiste, e só me resta a pobre herança
De ver a luz do Sol mais alguns dias.

Vestem-se os campos do verdor primeiro:
Já das aves canções no bosque ecoam:
Não para mim, que só escuto atento
Funéreos dobres que no templo soam!

Eu que existo, e que penso, e falo, e vivo,
Irei tão cedo repousar na terra?!
Oh, meu Deus, oh, meu Deus!, um ano ao menos;
Um louro só... e meu sepulcro cerra!

É tão bom respirar, e a luz brilhante
Do sol oriental saudar no outeiro!
Ai, na manhã saudá-la posso ainda;
Mas será este Inverno o derradeiro!

Quando de pomos o vergel for cheio;
Quando ondear o trigo na planura;
Quando pender com áureo fruto a vide
Eu também penderei na sepultura.

Dos que me cercam no turbado aspecto,
Na voz que prende desusado enleio,
No pranto a furto, no fingido riso
Fatal sentença de morrer eu leio.

Vistes vós criminoso, que hão lançado
Seus juízes nos trances da agonia,
Em oratório estreito, onde não entra
Suavíssima luz do claro dia;

Diante a cruz, ao lado o sacerdote,
O cadafalso, o crime, o algoz na mente,
O povo tumultuando, o extremo arranco,
E Céu, e Inferno, e as maldições da gente?

Se adormece, lá surge um pesadelo,
Com os martírios da sua alma acorde;
Desperta logo, e à terra se arremessa,
E os punhos cerra, e delirante os morde.

Sobre as lájeas do duro pavimento
De vergões e de sangue o rosto cobre.
Ergue-se e escuta com cabelos hirtos
Do sino ao longe o compassado dobre.

Sem esperança!...

Não! Do cadafalso
Sobe as escadas o perdão às vezes;
Porém a mim... não me dirão: «És salvo!»
E o meu suplício durará por meses.

Dizer posso: «Existi: que a dor conheço!»
Do gozo a taça só provei por horas:
E serei teu, calado cemitério,
Que engenho, glória, amor, tudo devoras.

Se o furacão rugiu, e o débil tronco
De árvore tenra espedaçou passando,
Quem se doeu de a ver jazendo em terra?
Tal é o meu destino miserando!

Númen de santo amor, mulher querida,
Anjo do Céu, encanto da existência,
Ora por mim a Deus, que há-de escutar-te.
Por ti me salve a mão da Providência.

Vem: aperta-me a dextra... Oh, fuge, fuge!
Um beijo ardente aos lábios teus voara:
E neste beijo venenoso a morte
Talvez este infeliz só te entregara!

Se eu pudesse viver... como teus dias
Cercaria de amor suave e puro!
Como te fora plácido o presente;
Quanto risonho o aspecto do futuro!

Porém, medonho espectro ante meus olhos,
Como sombra infernal perpétuo ondeia,
Bradando-me que vai partir-se o fio
Com que da minha vida se urde a teia.

Entregue à sedução enquanto eu durmo,
No turbilhão do mundo hei-de deixar-te!
Quem velará por ti, pomba inocente?
Quem do perjúrio poderá salvar-te?

Quando eu cerrar os olhos moribundos
Tu verterás por mim pranto saudoso;
Mas quem me diz que não virá o riso
Banhar teu rosto triste e lacrimoso?

Ai, o extinto só herda o esquecimento!
Um novo amor te agitará o peito:
E a dura lájea cobrirá meus ossos
Frios, despidos sobre térreo leito!...

Ó Deus, porque este cálix de agonia
Até as bordas de amargor me encheste?
Se eu devia acabar na juventude,
Porque ao mundo e a seus sonhos me prendeste?

Virgem do meu amor, porque perdê-la?
Porque entre nós a campa há-de assentar-se?
Tua suprema paz com gozo ou dores
Do mortal, que em ti crê, pode turbar-se?

Não haver quem me salve! e vir um dia
Em que de minha o nome ainda lhe desse!
Então, Senhor, o umbral da eternidade,
Talvez sem um queixume, transpusesse.

Mas, qual flor em botão pendida e murcha,
Sem de fragrâncias perfumar a brisa,
Eu poeta, eu amante, ir esconder-me
Sob uma lousa desprezada e lisa!

Porquê? Qual foi meu crime, ó Deus terrível?
Em te adorar que fui, senão insano?...
O teu fatal poder hoje maldigo!
O que te chama pai, mente: és tirano.

E se aos pés de teu trono os ais não chegam;
Se os gemidos da terra os ares somem;
Se a Providência é crença vã, mentida,
Porque geraste a inteligência do homem?

Porque da virgem no sorrir puseste
Santo presságio de suprema dita,
E apontaste ao poeta a imensidade
Na ânsia de glória que em sua alma habita?

A imensidade!... E que me importa herdá-la,
Se na Terra passei sem ser sentido?
Que val eterno vaguear no espaço,
Se nosso nome se afundou no olvido?

O ANJO-DA-GUARDA

Ímpio, silêncio! A tua voz blasfema
Da noite a paz perturba.
Verme, que te rebelas
Sob a mão do Senhor,
Vês os milhões d'estrelas
De nítido fulgor,
Que, em ordenada turba,
A Deus entoam incessantes hinos?
Quantas vezes apaga
Do livro da existência
Um orbe a mão do Eterno!
E o belo astro que expira
Maldiz a Providência,
Maldiz a mão que o esmaga?
Acaso pára o cântico superno?
Ou apenas suspira

O moribundo,
Que se chamava um mundo?
Quem vai pôr uma campá sobre os restos
Desse inerte planeta,
Que o destrutor cometa
Incinerou na rápida passagem?
E tu, átomo obscuro,
Que varre à tarde a aragem,
Soltas do seio impuro
Maldição insensata,
Porque o teu Deus te evoca à eternidade?
Que é o viver? O umbral, a que um momento
O espírito, surgindo
Das solidões do nada
À voz do Criador, se encosta, e atento
Contempla a luz e o céu; donde desata
Seu voo à imensidade.
Geme acaso o passarinho
De saudade,
Quando as asas expande, e deixa o ninho
A vez primeira, a mergulhar nos ares?
Volve olhos lacrimosos
Aos mares tormentosos
O navegante, quando aproa às plagas
Da pátria suspirada?
Porque morres?! Pergunta à Providência
Porque te fez nascer.
Qual era o teu direito a ver o mundo
Teu jus à existência?
Olha no Outono o ulmeiro
Que o vendaval agita,
E cujas ténues folhas
Aos centos precipita.
São a folha do ulmeiro o nome e a fama,
E o amar dos humanos:
Ao nada do que foi assim se atiram
No vórtice dos anos.
Que é a glória na Terra? Um eco frouxo,
Que somem mil ruídos.

E a voz da Terra o que é, na voz imensa
Dos orbes reunidos?
Amor!, amor terreno!... Ai, se pudesses
Compreender a amargura,
Com que te choro, ó alma transviada!
Eu, que te amei do berço, e qual doçura
Há no afecto que liga o anjo ao homem,
Rindo despiras esse corpo enfermo,
Para te unir a mim, para aspirares
O gozo celestial de amor sem termo!
Alma triste, que mesquinha
Te debruças sobre o Inferno,
Ouve o anjo, pobrezinha;
Vem ao gozo sempiterno.
Resigna-te e espera, e os dias de prova
Serão para o crente quais breves instantes.
Tomar-te-ei nos braços no trance da morte,
Fendendo o infinito coas asas radiantes.
Depois, das alturas teu térreo vestido
Sorrindo veremos na Terra guardar
E ao hino de Hossana nos coros celestes
A voz de um remido iremos juntar.

A GRAÇA

Que harmonia suave
É esta, que na mente
Eu sinto murmurar,
Ora profunda e grave,
Ora meiga e cadente,
Ora que faz chorar?
Porque da morte a sombra,
Que para mim em tudo
Negra se reproduz,
Se aclara, e desassombra
Seu gesto carrancudo,
Banhada em branda luz?
Porque no coração

Não sinto pesar tanto
O férreo pé da dor,
E o hino da oração,
Em vez de irado canto,
Me pede íntimo ardor?

És tu, meu anjo, cuja voz divina
Vem consolar a solidão do enfermo,
E a contemplar com placidez o ensina
De curta vida o derradeiro termo?

Oh, sim!, és tu, que na infantil idade,
Da aurora à frouxa luz,
Me dizias: «Acorda, inocentinho,
Faze o sinal da Cruz.»
És tu, que eu via em sonhos, nesses anos
De inda puro sonhar,
Em nuvem d'ouro e púrpura descendo
Coas roupas a alvejar.
És tu, és tu!, que ao pôr do Sol, na veiga,
Junto ao bosque fremente,
Me contavas mistérios, harmonias
Dos Céus, do mar dormente.
És tu, és tu!, que, lá, nesta alma absorta
Modulavas o canto,
Que de noite, ao luar, sozinho erguia
Ao Deus três vezes santo.
És tu, que eu esqueci na idade ardente
Das paixões juvenis,
E que voltas a mim, sincero amigo,
Quando sou infeliz.
Sinto a tua voz de novo,
Que me revoca a Deus:
Inspira-me a esperança,
Que te seguiu dos Céus!...

RESIGNAÇÃO

No teu seio, reclinado
Dormirei, Senhor, um dia,
Quando for na terra fria
Meu repouso procurar;

Quando a lousa do sepulcro
Sobre mim tiver caído,
E este espírito afligido
Vir a tua luz brilhar!

No teu seio, de pesares
O existir não se entretece;
Lá eterno o amor floresce;
Lá floresce eterna paz:

Lá bramir junto ao poeta
Não irão paixões e dores,
Vãos desejos, vãoos temores
Do desterro em que ele jaz.

Hora extrema, eu te saúdo!
Salve, ó trevas da jazida,
Donde espera erguer-se à vida
Meu espírito imortal!

Anjo bom, não me abandones
Neste trance dilatado;
Que contrito, resignado,
Me acharás na hora fatal.

E depois... perdoa, ó anjo,
Ao amor do moribundo,
Que só deixa neste mundo
Pouco pó, muito gemer.

Oh... depois... dize à mesquinha
Um segredo de doçura:
Que na pátria o amor se apura,
Que o desterro viu nascer.

Que é o Céu a pátria nossa;
Que é o mundo exílio breve;
Que o morrer é causa leve;
Que é *princípio*, não é *fim*:

Que duas almas que se amaram
Vão lá ter nova existência,
Confundidas numa essência,
A de um novo querubim.

DEUS

Nas horas do silêncio, à meia-noite,
Eu louvarei o Eterno!
Ouçam-me a Terra, e os mares rugidores,
E os abismos do Inferno.
Pela amplidão dos Céus meus cantos soem,
E a Lua resplendente
Pare em seu giro, ao ressoar nest'harpa
O hino do Omnipotente.

Antes de tempo haver, quando o infinito
Media a eternidade,
E só do vácuo as solidões enchia
De Deus a imensidade,
Ele existia, em sua essência envolto,
E fora dele o nada:
No seio do Criador a vida do homem
Estava ainda guardada:
Ainda então do mundo os fundamentos
Na mente se escondiam
De Jeová, e os astros fulgurantes
Nos céus não se volviavam.

Eis o Tempo, o Universo, o Movimento
Das mãos solta o Senhor:
Surge o Sol, banha a Terra, e desabrocha
Nesta a primeira flor:
Sobre o invisível eixo range o globo:
O vento o bosque ondeia:
Retumba ao longe o mar: da vida a força
A natureza anseia!

Quem, dignamente, ó Deus, há-de louvar-Te,
Ou cantar Teu poder?
Quem dirá de Teu braço as maravilhas,
Fonte de todo o ser,
No dia da Criação; quando os tesouros
Da neve amontoaste;
Quando da Terra nos mais fundos vales
As águas encerraste?!

E eu onde estava, quando o Eterno os mundos,
Com dextra poderosa,
Fez, por lei imutável, se librassem
Na mole ponderosa?
Onde existia então? No tipo imenso
Das gerações futuras;
Na mente do meu Deus. Louvor a Ele
Na Terra e nas alturas!
Oh, quanto é grande o rei das tempestades,
Do raio, e do trovão!
Quão grande o Deus, que manda, em seco estio,
Da tarde a viração!
Por Sua providência nunca, embalde,
Zumbiu mínimo insecto;
Nem volveu o elefante, em campo estéril,
Os olhos inquieto.
Não deu Ele à avezinha o grão da espiga,
Que ao ceifador esquece;
Do norte ao urso o sol da Primavera,
Que o reanima e aquece?
Não deu Ele à gazela amplos desertos,
Ao certo a amena selva,

Ao flamingo os pauis, ao tigre o antro,
No prado ao touro a relva?
Não mandou Ele ao mundo, em luto e trevas,
Consolação e luz?
Acaso em vão algum desventurado
Curvou-se aos pés da Cruz?
A quem não ouve Deus? Somente ao ímpio
No dia da aflição,
Quando pesa sobre ele, por seus crimes,
Do crime a punição.

Homem, ente imortal, que és tu perante
A face do Senhor?
És a junça do brejo, harpa quebrada
Nas mãos do trovador!
Olha o velho pinheiro, campeando
Entre as neves alpinas:
Quem irá derribar o rei dos bosques
Do trono das colinas?
Ninguém! Mas ai do abeto, se o seu dia
Extremo Deus mandou!
Lá correu o aquilão: fundas raízes
Aos ares lhe assoprou.
Soberbo, sem temor, saiu na margem
Do caudaloso Nilo,
O corpo monstruoso ao sol voltando
Medonho crocodilo.
De seus dentes em roda o susto habita;
Vê-se a morte assentada
Dentro em sua garganta, se descerra
A boca afogueada:
Qual duro arnês de intrépido guerreiro
É seu dorso escamoso;
Como os últimos ais de um moribundo
Seu grito lamentoso:
Fumo e fogo respira quando irado;
Porém, se Deus mandou,
Qual do norte impelida a nuvem passa,
Assim ele passou!

Teu nome ousei cantar! Perdoa, ó Nume;
Perdoa ao teu cantor!
Dignos de ti não são meus frouxos hinos
Mas são hinos de amor.
Embora vis hipócritas te pintem
Qual bárbaro tirano:
Mentem, por dominar com férreo ceptro
O vulgo cego e insano.
Quem os crê é um ímpio! Recear-te
É maldizer-te, ó Deus;
É o trono dos déspotas da Terra
Ir colocar nos Céus.
Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
Dos males da existência
Tranquilo, e sem temor, à sombra posto
Da Tua Providência.

A TEMPESTADE

Sibila o vento: os torreões de nuvens
Pesam nos densos ares:
Ruge ao largo a procela, e encurva as ondas
Pela extensão dos mares:
A imensa vaga ao longe vem correndo,
Em seu terror envolta;
E, dentre as sombras, rápidas centelhas
A tempestade solta.
Do Sol no ocaso um raio derradeiro,
Que, apenas fulge, morre,
Escapa à nuvem, que, apressada e espessa,
Para apagá-lo corre.
Tal nos afaga em sonhos a esperança,
Ao despontar do dia,
Mas, no acordar, lá vem a consciência
Dizer que ela mentia!

As ondas negro-azuis se conglobaram;
Serras tornadas são,
Contra as quais outras serras, que se arqueiam,
Bater, partir-se vão.
Ó tempestade! Eu te saúdo, ó nume,
Da natureza açoite!
Tu guias os bulhões, do mar princesa,
E é teu vestido a noite!

Quando pelos pinhais, entre o granizo,
Ao sussurrar das ramas,
Vibrando sustos, pavorosa ruges
E assolação derramas,
Quem porfiar contigo, então, ousara
De glória e poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

Quem me dera ser tu, por balouçar-me
Das nuvens nos castelos,
E ver dos ferros meus, enfim, quebrados
Os rebatidos elos.
Eu rodeara, então, o globo inteiro;
Eu sublevara as águas;
Eu dos volcões com raios acendera
Amortecidas fráguas;
Do robusto carvalho e sobro antigo
Acurvaria as frentes;
Com furacões, os areais da Líbia
Converteria em montes;
Pelo fulgor da Lua, lá do Norte
No Pólo me assentara
E vira prolongar-se o gelo eterno,
Que o tempo amontoara.
Ali, eu solitário, eu rei da morte,
Erguera meu clamor,
E dissera: «Sou livre, e tenho império;
Aqui, sou eu senhor!»

Quem se pudera erguer, como estas vagas
Em turbilhões incertos,
E correr, e correr, troando ao longe,
Nos líquidos desertos!
Mas entre membros de lodoso barro
A mente presa está!...
Ergue-se em vão aos céus: precipitada,
Rápido, em baixo dá.

Ó morte, amiga morte!, é sobre as vagas,
Entre escarcéus erguidos,
Que eu te invoco, pedindo-te feneçam
Meus dias aborridos:
Quebra duras prisões, que a natureza
Lançou a esta alma ardente;
Que ela possa voar, por entre os orbes,
Aos pés do Omnipotente.
Sobre a nau, que me estreita, a prenhe nuvem
Desça, e estourando a esmague,
E a grossa proa, dos tufões ludíbrio,
Solta, sem rumo vague!

Porém, não!... Dormir deixa os que me cercam
O sono do existir;
Deixa-os, vãos sonhadores de esperanças
Nas trevas do porvir.
Doce mãe do repouso, extremo abrigo
De um coração opresso,
Que ao ligeiro prazer, à dor cansada
Negas no seio acesso,
Não despertes, oh, não!, os que abominam
Teu amoroso aspecto;
Febricitantes, que se abraçam, loucos,
Com seu dorido leito!
Tu, que ao mísero ris com rir tão meigo,
Caluniada morte;
Tu, que entre os braços teus lhe dás asilo
Contra o furor da sorte;
Tu, que esperas às portas dos senhores,
Do servo ao limiar,
E eterna corres, peregrina, a Terra
E as solidões do mar,
Deixa, deixa sonhar ventura os homens;
Já filhos teus nasceram:
Um dia acordarão desses delírios,
Que tão gratos lhes eram.
E eu que velo na vida, e já não sonho
Nem glória, nem ventura;

Eu, que esgotei tão cedo, até as fezes,
O cálix da amargura:
Eu, vagabundo e pobre, e aos pés calcado
De quanto há vil no mundo,
Santas inspirações morrer sentindo
Do coração no fundo,
Sem achar no desterro uma harmonia
De alma, que a minha entenda,
Porque seguir, curvado ante a desgraça,
Esta espinhosa senda?
Torvo o oceano vai! Qual dobre, soa
Fragor da tempestade,
Salmo de mortos, que retumba ao longe,
Grito da eternidade!...

Pensamento infernal! Fugir covarde
Ante o destino iroso?
Lançar-me, envolto em maldições celestes,
No abismo tormentoso?
Nunca! Deus pôs-me aqui para apurar-me
Nas lágrimas da Terra;
Guardarei minha estância atribulada,
Com meu desejo em guerra.
O fiel guardador terá seu prémio,
O seu repouso, enfim,
E atalaiar o sol de um dia extremo
Virá outro após mim.
Herdarei o morrer! Como é suave
Bênção de pai querido.
Será o despertar, ver meu cadáver,
Ver o grilhão partido.

Um consolo, entretanto, resta ainda
Ao pobre velador:
Deus lhe deixou, nas trevas da existência,
Doce amizade e amor.
Tudo o mais é sepulcro branqueado
Por embusteira mão;

Tudo o mais vãos prazeres que só trazem
Remorso ao coração.
Passarei minha noite a luz tão meiga,
Até o amanhecer;
Até que suba à pátria do repouso,
Onde não há morrer.

O SOLDADO

I

Veia tranquila e pura
Do meu paterno rio,
Dos campos, que ele rega,
Mansíssimo armentio.

Rocio matutino,
Prados tão deleitosos,
Vales, que assombravam selvas
De sinceirais frondosos,

Terra da minha infância,
Tecto de meus maiores,
Meu breve jardimzinho,
Minhas pendidas flores,

Harmonioso e santo
Sino do presbitério,
Cruzeiro venerando
Do humilde cemitério.

Onde os avós dormiram,
E dormirão os pais;
Onde eu talvez não durma,
Nem reze, talvez, mais,

Eu vos saúdo!, e o longo
Suspiro amargurado
Vos mando. É quanto pode
Mandar pobre soldado.

Sobre as cavadas ondas
Dos mares procelosos,
Por vós já fiz soar
Meus cantos dolorosos.

Na proa ressonante
Eu me assentava mudo,
E aspirava ansioso
O vento frio e agudo;

Porque em meu sangue ardia
A febre da saudade,
Febre que só minora
Sopro de tempestade;

Mas que se irrita, e dura
Quando é tranquilo o mar;
Quando da pátria o céu
Céu puro vem lembrar;

Quando, no extremo ocaso,
A nuvem vaporosa,
À frouxa luz da tarde
Na cor imita a rosa;

Quando, do Sol vermelho
O disco ardente crece,
E paira sobre as águas,
E enfim desaparece;

Quando no mar se estende
Manto de negro dó;
Quando, ao quebrar do vento,
Noite e silêncio é só;

Quando sussurram meigas
Ondas que a nau separa,
E a rápida ardentia
Em torno a sombra aclara.

II

Eu já ouvi, de noite,
Entre o pinhal fechado,
Um frémito soturno
Passando o vento irado:

Assim o murmúrio
Do mar, fervendo à proa,
Com o gemer do aflito,
Sumido, acorde soa;

E o cintilar das águas
Gera amargura e dor,
Qual lâmpada, que pende
No templo do Senhor,

Lá pela madrugada,
Se o óleo lhe escasseia,
E a espaços expirando,
Afrouxa e bruxuleia.

III

Bem abundante messe
De pranto e de saudade
O foragido errante
Colhe na soledade!

Para o que a pátria perde
É o universo mudo;
Nada lhe ri na vida;
Mora o fastio em tudo;

No meio das procelas,
Na calma do oceano,
No sopro do galerno,
Que enfuna o largo pano.

E no entestar coa terra
Por abrigado esteiro,
E no pousar à sombra
Do tecto do estrangeiro.

IV

E essas memórias tristes
Minha alma laceraram,
E a senda da existência
Bem agra me tornaram:

Porém nem sempre férreo
Foi meu destino escuro;
Sulcou de luz um raio
As trevas do futuro.

Do meu país querido
A praia ainda beijei,
E o velho e amigo cedro
No vale ainda abracei!

Nesta alma regelada
Surgiu ainda o gozo,
E um sonho lhe sorriu
Fugaz, mas amoroso.

Oh, foi sonho da infância
Desse momento o sonho!
Paz e esperança vinham
Ao coração tristonho.

Mas o sonhar que monta,
Se passa, e não conforta?
Minh'alma deu em terra,
Como se fosse morta.

Foi a esperança nuvem,
Que o vento some à tarde:
Facho de guerra aceso
Em labaredas arde!

Do fratricídio a luva
Irmão a irmão lançara,
E o grito: *ai do vencido!*
Nos montes retumbara.

As armas se hão cruzado:
O pó mordeu o forte;
Caiu: dorme tranquilo:
Deu-lhe repouso a morte.

Ao menos, nestes campos
Sepulcro conquistou,
E o adro dos estranhos
Seus ossos não guardou.

Ele herdará, ao menos,
Aos seus honrado nome;
Paga de curta vida
Ser-lhe-á largo renome.

V

E a bala sibilando,
E o trom da artilharia,
E a tuba clamorosa,
Que os peitos acendia,

E as ameaças torvas,
E os gritos de furor,
E desses que expiravam
Som cavo de estertor,

E as pragas do vencido,
Do vencedor o insulto,
E a palidez do morto,
Nu, sanguento, insepulto,

Eram um caos de dores
Em convulsão horrível,
Sonho de acesa febre,
Cena tremenda e incrível!

E suspirei: nos olhos
Me borbulhava o pranto,
E a dor, que trasbordava
Pedi-me infernal canto.

Oh, sim!, maldisse o instante,
Em que buscar viera,
Por entre as tempestades,
A terra em que nascera.

Que é, em fraternas lides
Um canto de vitória?
É delirar maldito;
É triunfar sem glória.

Maldito era o triunfo,
Que rodeava o horror,
Que me tingia tudo
De sanguinosa cor!

Então olhei saudoso
Para o sonoro mar;
Da nau do vagabundo
Meigo me riu o arfar.

De desespero um brado
Soltou, ímpio, o poeta,
Perdão! Chegara o mísero
Da desventura à meta.

VI

Terra infame! — de servos aprisco,
Mais chamar-me teu filho não sei;
Desterrado, mendigo serei;
De outra terra meus ossos serão!

Mas a escravo, que pugna por ferros,
Que herdará desonrada memória,
Renegando da terra sem glória,
Nunca mais darei nome de irmão!

Onde é livre tem pátria o poeta,
Que ao exílio condena ímpia sorte.
Sobre os plainos gelados do norte
Luz do Sol também desce do céu;

Também lá se erguem montes, e o prado
De boninas, em Maio, se veste;
Também lá se meneia o cipreste
Sobre o corpo que à terra desceu.

Que me importa o loureiro da encosta?
Que me importa da fonte o ruído?
Que me importa o saudoso gemido
Da rolinha sedenta de amor?

Que me importam outeiros cobertos
Da verdura da vinha, no Estio?
Que me importa o remanso do rio,
E, na calma, da selva o frescor?

Que me importa o perfume dos campos,
Quando passa da tarde a bafagem,
Que se embebe, na sua passagem,
Na fragrância da rosa e aleli?

Que me importa? Pergunta insensata!
É meu berço: a minha alma está lá...
Que me importa... Esta boca o dirá?!
Minha pátria, estou louco... menti!

Eia, servos! O ferro se cruze,
Assobie o pelouro nos ares;
Estes campos convertam-se em mares,
Onde o sangue se possa beber!

Larga a vala!, que, após a peleja,
Todos nós dormiremos unidos!
Lá, vingados, e do ódio esquecidos,
Paz faremos... depois do morrer!

VII

Assim, entre amarguras,
Me delirava a mente;
E o Sol ia fugindo
No termo do Ocidente.

E os fortes lá jaziam
Coa face ao céu voltada;
Sorria a noite aos mortos,
Passando sossegada.

Porém, a noite deles
Não era a que passava!
Na eternidade a sua
Corria, e não findava.

Contrários ainda há pouco,
Irmãos, enfim, lá eram!
O seu tesouro de ódio,
Mordendo o pó, cederam.

No limiar da morte
Assim tudo fenece:
Inimizades calam,
E até o amor esquece!

Meus dias rodeados
Foram de amor outrora;
E nem um vão suspiro
Terei, morrendo, agora,

Nem o apertar da dextra
Ao desprender da vida,
Nem lágrima fraterna
Sobre a feral jazida!

Meu derradeiro alento
Não colherão os meus.
Por minha alma aterrada
Quem pedirá a Deus?

Ninguém! Aos pés o servo
Meus restos calcará,
E o riso ímpio, odiento,
Mofando soltará.

O sino lutuoso
Não lembrará meu fim:
Preces, que o morto afagam,
Não se erguerão por mim!

O filho dos desertos,
O lobo carniceiro,
Há-de escutar alegre
Meu grito derradeiro!

Ó morte, o sono teu
Só é sono mais largo;
Porém, na juventude,
É o dormi-lo amargo;

Quando na vida nasce
Essa mimosa flor,
Como a cecém suave,
Delicioso amor;

Quando a mente acendida
Crê na ventura e glória;
Quando o presente é tudo.
E inda nada a memória!

Deixar a cara vida,
Então é doloroso,
E o moribundo à Terra
Lança um olhar saudoso.

A taça da existência
No fundo fezes tem;
Mas os primeiros tragos
Doces, bem doces, vem.

E eu morrerei agora
Sem abraçar os meus,
Sem jubiloso um hino
Alevantar aos Céus?

Morrer, morrer, que importa?
Final suspiro, ouvi-lo
Há-de a pátria. Na terra
Irei dormir tranquilo.

Dormir? Só dorme o frio
Cadáver, que não sente;
A alma voa a abrigar-se
Aos pés do Omnipotente.

Reclinar-me-ei à sombra
Do amplo perdão do Eterno;
Que não conheço o crime,
E erros não pune o Inferno.

E vós, entes queridos,
Entes que tanto amei,
Dando-vos liberdade
Contente acabarei.

Por mim livres chorar
Vós podereis um dia,
E às cinzas do soldado
Erguer memória pia.

D. PEDRO

Pela encosta do Líbano, rugindo,
O noto furioso
Passou um dia, arremessando à terra
O cedro mais frondoso;
Assim te sacudiu da morte o sopro
Do carro da vitória,
Quando, ébrio de esperanças, tu sorrias,
Filho caro da glória.
Se, depois de procela em mar de escolhos,
A combatida nave
Vê terra e vento abranda, o porto aferra,
Com júbilo suave.
Também tu demandaste o Céu sereno,
Depois de uma árdua lida:
Deus te chamou: o prémio recebeste
Dos méritos da vida.
Que é esta? Um ermo de espinhais cortado,
Donde foge o prazer:
Para o justo ela existe além da campa:
Teme o ímpio o morrer.
Plante-se a acácia, o símbolo do livre,
Junto às cinzas do forte:
Ele foi rei — e combateu tiranos —
Chorai, chorai-lhe a morte!

Regada pelas lágrimas de um povo,
A planta crescerá;
E à sombra dela a fronte do guerreiro
Plácida pousará.
Essa fronte das balas respeitada,
Agora a traga o pó:
Do valente, do bom, do nosso Amigo
Restam memórias só;
Mas estas, entre nós, com a saudade
Perenes viverão,
Enquanto, à voz de pátria e liberdade,
Ansiar um coração.
Nas orgias de Roma, a prostituta,
Folga, vil opressor:
Folga com os hipócritas do Tibre;
Morreu teu vencedor.
Envolto em maldições, em susto, em crimes
Fugiste, desgraçado:
Ele, subindo ao Céu, ouviu só queixas,
E um choro não comprado:
Encostado na borda do sepulcro,
O olhar atrás volveu,
As suas obras contemplou passadas,
E em paz adormeceu:
Os teus dias também serão contados,
Covarde foragido;
Mas será de remorso tardo e inútil
Teu último gemido:
Do passamento o cálix lhe adoçaram
Uma filha, uma esposa:
Quem, tigre cru, te cercará o leito,
Nessa hora pavorosa?
Deus, tu és bom: e o virtuoso em breve
Chamas ao gozo eterno,
E o ímpio deixas saciar de crimes,
Para o sumir no Inferno?
Alma gentil, que assim nos hás deixado,
Entregues à alta dor,

Anjo das preces nos serás, perante
O trono do Senhor:
E quando, cá na Terra, o poderoso
As Leis aos pés calcar,
Junto do teu sepulcro irá o opresso
Seus males deplorar:
Assim, no Oriente, de Albuquerque às cinzas
O desvalido indiano
Mais de uma vez foi demandar vingança
De um déspota inumano.
Mas quem ousará à pátria tua e nossa
Curvar nobre cerviz?
Quem roubará ao lusitano povo
Um povo ser feliz?
Ninguém! Por tua glória os teus soldados
Juram livres viver.
Ai do tirano que primeiro ousasse
Do voto escarnecer!
Nesse abraço final, que nos legaste,
Legaste o génio teu:
Aqui — no coração — nós o guardámos;
Teu génio não morreu.
Jaz em paz: essa terra, que te esconde,
O monstro abominado
Só pisará ao baquear sobre ela
Teu último soldado.

Eu também combati: nas pátrias lides
Também colhi um louro:
O prantear o Companheiro extinto
Não me será desdouro.
Para o Sol do Oriente outros se voltem,
Calor e luz buscando:
Que eu pelo belo Sol, que jaz no ocaso,
Cá ficarei chorando.

A VITÓRIA E A PIEDADE

I

Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
Nos paços dos senhores!
Eu jamais consagrei hino mentido
Da Terra aos opressores.
Mal haja o trovador que vai sentar-se
À porta do abastado,
O qual com ouro paga a própria infâmia,
Louvor que foi comprado.
Desonra àquele, que ao poder e ao ouro
Prostitui o alaúde!
Deus à poesia deu por alvo a pátria,
Deu a glória e a virtude.
Feliz ou infeliz, triste ou contente,
Livre o poeta seja,
E em hino isento a inspiração transforme
Que na sua alma adeja.

II

No despontar da vida, do infortúnio
Murchou-me o sopro ardente;
E saudades curti em longes terras
Da minha terra ausente.

O solo do desterro, ai, quanto ingrato
É para o foragido,
Enevoado o céu, árido o prado,
O rio adormecido!
E lá chorei, na idade da esperança,
Da Pátria a dura sorte:
Esta alma encaneceu; e antes de tempo
Ergueu hinos à morte:
Que a morte é para o mísero risonha,
Santa da campa a imagem...
Ali é que se aferra o porto amigo,
Depois de árdua viagem.

III

Mas quando o pranto me sulcava as faces,
Pranto de atroz saudade,
Deus escutou do vagabundo as preces,
Dele teve piedade.
«Armas!», bradaram no desterro os fortes,
Como bradar de um só:
Erguem-se, voam, cingem ferros; cinge-os
Indissolúvel nó.
Com seus irmãos as sacrossantas juras,
Beijando a cruz da espada,
Repetiu o poeta: «Eia, partamos!
Ao mar!» Partia a armada
Pelas ondas azuis correndo afoutos,
As praias demandamos
Do velho Portugal, e o balcão negro
Da guerra despregámos;
De guerra em que era infâmia o ser piedoso,
Nobreza o ser cruel,
E em que o golpe mortal descia envolto
Das maldições no fel.

IV

Fanatismo brutal, ódio fraterno,
De fogo céus toldados,
A fome, a peste, o mar avaro, as turbas
De inúmeros soldados;
Comprar com sangue o pão, com sangue o lume
Em regelado Inverno;
Eis contra o que, por dias de amargura,
Nos fez lutar o Inferno.
Mas de fera vitória, enfim, colhemos
A c'roa de cipreste;
Que a frente ao vencedor em ímpia luta
Só essa c'roa veste.
Como ela torvo, soltarei um hino
Depois do triunfar.
Oh, meus irmãos, da embriaguez da guerra
Bem triste é o acordar!
Nessa alta encosta sobranceira aos campos,
De sangue ainda impuros,
Onde o canhão troou por mais de um ano
Contra invencíveis muros,
Eu, tomando o alaúde, irei sentar-me,
Pedir inspirações
À noite queda, ao génio que me ensina
Segredos das canções.

V

Reina em silêncio a Lua; o mar não brame,
Os ventos nem bafejam:
Rasas coa terra, só nocturnas aves
Em giros mil adejam.
No plaino pardacento, junto ao marco
Tombado, ou rota sebe,
Aqui e ali, de ossadas insepultas
O alvejar se percebe.
É que essa veiga, tão festiva outrora,
Da paz tranquilo império,
Onde ao carvalho a vide se enlaçava,
É hoje um cemitério!

VI

Eis de esforçados mil inglórios restos,
Depois de brava lida:
De longo combater atroz memento
Em guerra fratricida.
Nenhum padrão recordará aos homens
Seus feitos derradeiros:
Nem dirá: «Aqui dormem portugueses;
Aqui dormem guerreiros.»
Nenhum padrão, que peça aos que passarem
Reza fervente e pia,
E junto ao qual entes queridos vertam
O pranto da agonia!
Nem hasteada cruz, consolo ao morto;
Nem lájea que os proteja
Do ardente sol, da noite húmida e fria,
Que passa e que roreja!
Não! Lá hão-de jazer no esquecimento
De desonrada morte,
Enquanto, pelo tempo em pó desfeitos,
Não os dispersa o norte.

VII

Quem, pois, consolará gementes sombras.
Que ondeiam junto a mim?
Quem seu perdão da Pátria implorar ousa,
Seu perdão de Eloim?
Eu, o cristão, o trovador do exílio,
Contrário em guerra crua,
Mas que não sei verter o fel da afronta
Sobre uma ossada nua.

VIII

Lavradores, zagais, descem dos montes,
Deixando terras, gados,
Para as armas vestir, dos céus em nome,
Por fariseus chamados.

De um Deus de paz hipócritas ministros
Os tristes enganaram:
Foram eles, não nós, que estas caveiras
Aos vermes consagraram.
Maldito sejas tu, monstro do Inferno,
Que do Senhor no templo,
Junto da eterna Cruz, ao crime incitas,
Dás do furor o exemplo!
Sobre as cinzas da Pátria, ímpio, pensaste
Folgar de nosso mal,
E, entre as ruínas de cidade ilustre,
Soltar riso infernal.
Tu, no teu coração insipiente,
Disseste: «Deus não há!»
Ele existe, malvado; e nós vencemos:
Treme; que tempo é já!

IX

Mas esses, cujos ossos espalhados
No campo da peleja
Jazem, exoram a piedade nossa;
Piedoso o livre seja!
Eu pedirei a paz dos inimigos,
Mortos como valentes,
Ao Deus nosso juiz, ao que distingue
Culpados de inocentes.

X

Perdoou, expirando, o Filho do Homem
Aos seus perseguidores;
Perdão, também, às cinzas de infelizes;
Perdão, ó vencedores!
Não insulteis o morto. Ele há comprado
Bem caro o esquecimento,
Vencido adormecendo em morte ignóbil,
Sem dobre ou monumento.

É tempo d' olvidar ódios profundos
De guerra deplorável.
O forte é generoso, e deixa ao fraco
O ser inexorável.
Oh, perdão para aquele a quem a morte
No seio agasalhou!
Ele é mudo: pedi-lo já não pode;
O dá-lo a nós deixou.
Além do limiar da eternidade
O mundo não tem réus,
O que legou à terra o pó da terra
Julgá-lo cabe a Deus.
E vós, meus companheiros, que não vistes
Nossa triste vitória,
Não precisais do trovador o canto;
Vosso nome é da história.

XI

Assim, foi do infeliz sobre a jazida
Que um hino murmurei,
E, do vencido consolando a sombra,
Por vós eu perdoei.

Este fragmento, que segue, e que servirá para inteligência dos precedentes versos, pertence a um livro já todo escrito no entendimento, mas de que só alguns capítulos estão trasladados ao papel. A Guerra da Restauração de 1832 a 1833 é o acontecimento mais espantoso e mais poético deste século. Entre os soldados de D. Pedro havia poetas: militava connosco o autor de D. Branca, do Camões, de João Mínimo; o Sr. Lopes de Lima, e outros: mas a política engodou todos os engenhos, e levou-os consigo. Os homens de bronze, os sete mil de Mindelo, não tiveram um cantor; e apenas eu, o mais obscuro de todos, salvei em minha humilde prosa uma diminuta porção de tanta riqueza poética. Oxalá que esse mesmo trabalho, ainda que de pouca valia, não fique esmagado e sumido debaixo do Leviatã da política. Todos nós temos vendido a nossa alma ao espírito imundo do Jornalismo. E o mais é que poucos conhecem uma coisa: que política de poetas vale, por via de regra, tanto como poesia de políticos.

Fragmento. — O combate da antevéspera estava ainda vivo na minha imaginação: eu cria ver ainda os cadáveres dos meus amigos e camaradas, espalhados ao redor do fatal reduto, em que estava assentado: ainda me soavam nos ouvidos o seu clamor de entusiasmo ao acometê-lo, o sibilar das balas, o grito dos feridos, o som das armas, caindo-lhes das mãos, o gemido doloroso e longo da sua agonia, o estertor de moribundos, e o arranco final do morrer. Os dentes me rangeram de cólera, e a lágrima envergonhada de soldado me escorregou pelas faces. O Porto estava descercado; mas quantos valentes caíram nesse dia! Eu ia amaldiçoar os cadáveres dos vencidos, que ainda por aí jaziam; porém, pareceu-me que eles se alevantavam e me diziam: «Lembra-te de que também fomos soldados; lembra-te de que fomos vencidos!» E eu bem sabia que inferno lhes devia ter sido, no momento de expirarem, as ideias de soldado e de vencimento, conglobadas numa só, como tremenda e indelével ignomínia, estampada na frente do que ia transpor os umbrais do outro mundo. Então orei a Deus por eles: antes de irmão de armas eu tinha sido cristão; e Jesus Cristo perdoara, entre as afrontas da Cruz, aos seus assassinos. A ideia de perdão parecia me consolava da perda de tantos e tão valentes amigos. Havia nessa ideia torrentes de poesia; e eu te devia então, ó crença do Evangelho, talvez a melhor das minhas pobres canções. (Da Minha Mocidade — Poesia e Meditação.)

A CRUZ MUTILADA

Amo-te, ó cruz, no vértice firmada
De esplêndidas igrejas;
Amo-te quando à noite, sobre a campa,
Junto ao cipreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te quando em préstito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbitério,
Ou quando o morto, impressa no ataúde,
Guias ao cemitério;
Amo-te, ó cruz, até, quando no vale
Negrejas triste e só,
Núncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:

Porém quando mais te amo,
Ó cruz do meu Senhor,
É, se te encontro à tarde,
Antes de o Sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredado assombra,
Quando à luz que fenece
Se estira a tua sombra,

E o dia últimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hino da tarde
O pinheiral murmura.

•

E eu te encontrei, num alcantil agreste,
Meia quebrada, ó cruz. Sozinha estavas
Ao pôr do Sol, e ao elevar-se a Lua
Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer contra a mão ímpia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, falhadas, tortuosas,
Ó mutilada cruz, falam de um crime
Sacrílego, brutal e ao ímpio inútil!
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra de antigo monumento,
Que o tempo quase derrocou, truncada.
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbitério rústico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, anunciando o instante
Da *ave-maria*; da oração singela,
Mas solene, mas santa, em que a voz do homem
Se mistura nos cânticos saudosos,
Que a natureza envia ao Céu no extremo
Raio de sol, passando fugitivo
Na tangente deste orbe, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injúria e o desprezo, e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento!

•

Foi da ciência incrédula o sectário,
Acaso, ó cruz da serra, o que na face
Afrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo, a quem consolo
Na miséria e na dor constante hás sido
Por bem dezoito séculos: foi esse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tirano,
Bradando — *esmola!* a um; *piedade!* ao outro.

Ó cruz, se desde o Gólgota não foras
Símbolo eterno de uma crença eterna;
Se a nossa fé em ti fosse mentida,
Dos oprimidos de outrora os livres netos
Por sua ingratidão dignos de opróbrio,
Se não te amassem, ainda assim seriam.
Mas és nuncia do Céu, e eles te insultam,
Esquecidos das lágrimas perenes
Por trinta gerações, que guarda a campa,
Vertidas a teus pés nos dias torvos
Do seu viver d'escravidão! Deslembram-se

De que, se a paz doméstica, a pureza
Do leito conjugal bruta violência
Não vai contaminar, se a filha virgem
Do humilde camponês não é ludíbrio
Do opulento, do nobre, ó Cruz, to devem;
Que por ti o cultor de férteis campos
Colhe tranquilo da fadiga o prémio,
Sem que a voz de um senhor, qual dantes, dura
Lhe diga: «É meu, e és meu! A mim deleites,
Liberdade, abundância: a ti, escravo,
O trabalho, a miséria unido à terra,
Que o suor dessa fronte fertiliza,
Enquanto, em dia de furor ou tédio,
Não me apraz com teus restos fecundá-la.»

Quando calada a humanidade ouvia
Este atroz blasfemar, tu te elevaste
Lá do Oriente, ó Cruz, envolta em glória,
E bradaste, tremenda, ao forte, ao rico:
«Mentira!», e o servo alevantou os olhos,
Onde a esperança cintilava, a medo,
E viu as faces do senhor retintas
Em palidez mortal, e errar-lhe a vista
Trépida, vaga. A cruz no céu do Oriente
Da liberdade anunciara a vinda.

•

Cansado, o ancião guerreiro, que a existência
Desgastou no volver de cem combates,
Ao ver que, enfim, o seu país querido
Já não ousam calcar os pés d'estranhos,
Vem assentar-se à luz meiga da tarde,
Na tarde do viver, junto do teixo
Da montanha natal. Na fronte calva,
Que o sol tostou e que enrugaram anos,
Há um como fulgor sereno e santo.
Da aldeia semideus, devem-lhe todos
O tecto, a liberdade, e a honra e vida.
Ao perpassar do veterano, os velhos
A mão que os protegeu apertam gratos;
Com amorosa timidez os moços
Saúdam-no qual pai. Nas largas noites
Da gelada estação, sobre a lareira
Nunca lhe falta o cepo incendiado;
Sobre a mesa frugal nunca, no estio,
Refrigerante pomo. Assim do velho
Pelejador os derradeiros dias
Derivam para o túmulo suaves,
Rodeados de affecto, e quando à terra
A mão do tempo gastador o guia,
Sobre a lousa a saudade ainda lhe esparze
Flores, lágrimas, bênçãos, que consolem
Do defensor do fraco as cinzas frias.

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,
Os gigantes combates dos tiranos,
E venceste. No solo libertado,
Que pediste? Um retiro no deserto,
Um píncaro granítico, açoutado
Pelas asas do vento e enegrecido
Por chuvas e por sóis. Para ameigar-te
Este ar húmido e gélido a segure
Não foi ferir do bosque o rei. Do Estio
No ardor canicular nunca disseste:
«Dai-me, sequer, do bravo medronheiro
O desprezado fruto!» O teu vestido
Era o musgo, que tece a mão do Inverno
E Deus criou para trajar as rochas.
Filha do céu, o céu era o seu tecto,
Teu escabelo o dorso da montanha.
Tempo houve em que esses braços te adornava
C'roa viçosa de gentis boninas,
E o pedestal te rodeavam preces.
Ficaste em breve só, e a voz humana
Fez, pouco a pouco, junto a ti silêncio.
Que te importava? As árvores da encosta
Curvavam-se a saudar-te, e revoando
As aves vinham circundar-te de hinos.
Afagava-te o raio derradeiro,
Frouxo do Sol ao mergulhar nos mares,
E esperavas o túmulo. O teu túmulo
Devera ser o seio destas serras,
Quando, em génesis novo, à voz do Eterno
Do orbe ao núcleo fervente, que as gerara,
Elas nas fauces dos volcões descessem.
Então para essa campa flores, bênçãos
Ou é saudade lágrimas vertidas,
Qual do velho soldado a lousa pede,
Não pediras à ingrata raça humana,
Ao pé de ti no seu sudário envolta.

•

Este longo esperar do dia extremo
No esquecimento do ermo abandonada,
Foi duro de sofrer aos teus remidos,
Ó redentora cruz. Eras, acaso,
Como um remorso e acusação perene
No teu rochedo alpestre, onde te viam
Pousar tristonha e só? Acaso, à noite,
Quando a procela no pinhal rugia,
Criam ouvir-te a voz acusadora
Sobreelevar à voz da tempestade?
Que lhes dizias tu? De Deus falavas,
E do seu Cristo, do divino mártir,
Que a ti, suplício e afronta, a ti maldita
Ergueu, purificou, clamando ao servo,
No seu transe: «Ergue-te, escravo!
És livre, como é para a cruz da infâmia.
Ela vil e tu vil, santos, sublimes
Sereis ante meu Pai. Ergue-te, escravo!
Abraça tua irmã: segue-a sem susto
No caminho dos séculos. Da Terra
Pertence-lhe o porvir, e o seu triunfo
Trará da tua liberdade o dia.»

Eis porque teus irmãos te arrojam pedras,
Ao perpassar, ó cruz! Pensam ouvir-te
Nos rumores da noite, a antiga história
Recontando do Gólgata, lembrando-lhes
Que só ao Cristo a liberdade devem,
E que ímpio o povo ser é ser infame.
Mutilado por ele, a pouco e pouco,
Tu em fragmentos tombarás do cerro,
Símbolo sacrossanto. Hão-de os humanos
Aos pés pisar-te; e esquecerás no mundo.
Da gratidão a dívida não paga
Ficará, ó tremenda acusadora,
Sem que as faces lhes tinja a cor do pejo;
Sem que o remorso os corações lhes rasgue.
Do Cristo o nome passará na Terra.

•

Não! Quando, em pó desfeita, a cruz divina
Deixar de ser perene testemunho
Da avita crença, os montes, a espessura,
O mar, a Lua, o murmurar da fonte,
Da natureza as vagas harmonias,
Da cruz em nome, falarão do Verbo.

Dela no pedestal, então deserto,
Do deserto no seio, ainda o poeta
Virá, talvez, ao pôr do Sol sentar-se;
E a vez da selva lhe dirá que é santo
Este rochedo nu, e um hino pio
A solidão lhe ensinará e a noite.

Do cântico futuro uma toada
Não sentes vir, ó cruz, de além dos tempos
Da brisa do crepúsculo nas asas?
É o porvir que te proclama eterna;
É a voz do poeta a saudar-te.

•

Montanha do Oriente,
Que, sobre as nuvens elevando o cume,
Divisas logo o Sol, surgindo a aurora,
E que, lá no Ocidente,
Última vez seu radioso lume,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Rochedo, que descansas
No promontório nu e solitário,
Como atalaia que o oceano explora,
Alheio às mil mudanças
Que o mundo agitam turbulento e vário,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Sobros, robles frondentes,
Cuja sombra procura o viandante,
Fugindo ao Sol a prumo que o devora,
Nesses dias ardentes
Em que o Leão nos céus passa radiante,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Ó mato variado,
De rosmaninho e murta entretecido,
De cujos ténues flores se evapora
Aroma delicado,
Quando és por leve aragem sacudido,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Ó mar, que vais quebrando
Rolo após rolo pela praia fria,
E fremes som de paz consoladora,
Dormente murmurando
Na caverna marítima sombria,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Ó Lua silenciosa,
Que em perpétuo volver, seguindo a Terra,
Esparzes tua luz ameigadora
Pela serra formosa,
E pelos lagos que em seu seio encerra,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Debalde o servo ingrato
No pó te derribou
E os restos te insultou,
Ó veneranda cruz:

Embora eu te não veja
Neste ermo pedestal;
És santa, és imortal;
Tu és a minha luz!

Nas almas generosas
Gravou-te a mão de Deus,
E, à noite, fez nos céus
Teu vulto cintilar.

Os raios das estrelas
Cruzam o seu fulgor;
Nas horas do furor
As vagas cruza o mar.

Os ramos enlaçados
Do roble, choupo e til
Cruzando em modos mil,
Se vão entretecer.

Ferido, abre o guerreiro
Os braços, solta um ai,
Pára, vacila, e cai
Para não mais se erguer.

Cruzado aperta ao seio
A mãe o filho seu,
Que busca, mal nasceu,
Fontes da vida e amor.

Surges, símbolo eterno,
No Céu, na Terra e mar,
Do forte no expirar,
E do viver no alvor!